

Kit de ferramentas

Compreender e abordar a igualdade, a não discriminação e a inclusão no trabalho da água, saneamento e higiene (WASH)

Parte da nossa
Estratégia Global
2015-2020



Índice



Introdução	4
Utilizar este recurso	5
Integrar a inclusão	6
Secção 1: Informe-se	9
Definições importantes	11
A natureza mutável do desenvolvimento – das necessidades aos direitos	14
Conceitos importantes na programação baseada em direitos	20
De que forma a marginalização afeta a programação	22
Secção 2: Compreenda a marginalização	25
Expressar algumas preocupações comuns	28
Definir com quem trabalhamos	29
Secção 3: Tome medidas	43
3.1 Ferramentas para a sensibilização e autoavaliação	44
3.2 Ferramentas para utilizar em bases de referência e análises situacionais para o planeamento	56
3.3 Ferramentas para utilizar na implementação do programa e na promoção da participação	74
3.4 Ferramentas para utilizar na monitorização do programa – avaliar níveis de participação	102
Conclusões	116

Ferramentas

Ferramenta principal: O jogo da vida	45
Ferramenta de bônus: Desempenhe o seu papel	50
Ferramenta de bônus: Viajar em conjunto	50
Ferramenta principal: Lista de verificação de equidade, não discriminação e inclusão na WASH	52
Ferramenta de bônus: Análise das partes interessadas	55
Ferramenta de bônus: Quadro de ação	55
Ferramenta principal: Análise de barreiras	59
Ferramenta principal: Elementos básicos de uma análise de gênero	65
Ferramenta de bônus: Ferramentas de análise de poder para a governação WASH	72
Ferramenta de bônus: Explorar aspetos da questão de gênero na água, saneamento e higiene comunitários	72
Ferramenta de bônus: Ferramentas recomendadas para o planeamento, monitorização, avaliação e relatório dos esforços de sensibilização	73
Ferramenta principal: Lista de verificação de acesso e inclusão	75
Ferramenta principal: Auditorias de acessibilidade e segurança	78
Ferramenta principal: Ferramenta de autoavaliação da deficiência	87
Ferramenta principal: Atividades diárias das mulheres e dos homens	93
Ferramenta principal: As mulheres e os homens no passado e no presente	96
Ferramenta de bônus: Kit de ferramentas do quadro de parceria	101
Ferramenta de bônus: Trabalhar eficazmente com mulheres e homens em programas WASH	101
Ferramenta de bônus: Violência, gênero e WASH: kit de ferramentas de um profissional	101
Ferramenta principal: A escada da participação	103
Ferramenta principal: Recolher dados desagregados sobre a deficiência – “as perguntas do Grupo de Washington”	109

Introdução

A WaterAid está determinada a fazer da água limpa, das retretes adequadas e da boa higiene algo normal para qualquer pessoa, em qualquer lugar, no prazo de uma geração.

Para que tal se torne realidade, estabelecemos o objetivo estratégico de “abordar e combater as desigualdades que impedem que as pessoas pobres e marginalizadas exerçam os seus direitos à água segura, saneamento e higiene”.¹ Mas o que significa realmente “exercer direitos” e “combater desigualdades” para a forma como concebemos, implementamos e avaliamos programas de água, saneamento e higiene (WASH - Water, Sanitation e Hygiene)? E de que forma podemos assegurar que as pessoas em maior risco de marginalização não ficam para trás?

Este recurso oferece-lhe orientações práticas e apoio para a redução de desigualdades no seu programa e esforços de sensibilização. Apresenta os princípios mais importantes da igualdade, da não discriminação e da inclusão e realiza o seu acompanhamento através de atividades práticas, ferramentas e listas de verificação para aplicar no seu trabalho com os parceiros e as comunidades.

Em vista da forte atenção que se presta agora ao desenvolvimento equitativo e sustentável, nunca houve melhor oportunidade para colocar a igualdade, a não discriminação e a inclusão no cerne do nosso trabalho.

Embora este recurso se centre na WASH, muitos dos princípios e atividades são igualmente relevantes para outros setores do desenvolvimento. Água limpa, retretes adequadas e uma boa higiene exercem impacto em todas as áreas da vida e em todos os direitos humanos.

Através da integração com outros que trabalham nas mesmas ideias a partir de diferentes perspetivas, podemos fazer uma diferença maior.

Lembre-se: a inclusão não deve ser algo que acontece somente em “projetos inclusivos” especificamente concebidos como tal. Deve ser integrada em todos os aspetos da abordagem programática, tanto prática como de sensibilização, e estar patente em todos os funcionários e parceiros da WaterAid.

Utilizar este recurso

Este recurso oferece-lhe um enquadramento para tornar o seu trabalho mais inclusivo e contém ferramentas que pode utilizar para colocar a teoria em prática.

Há tantas ferramentas disponíveis que pode ser difícil determinar quais escolher e quando utilizá-las. Este documento reúne recursos experimentados e testados que irão ajudar a integrar a igualdade, a não discriminação e a inclusão no seu trabalho.

No kit de ferramentas, irá encontrar:



Conceitos-chave

Termos, definições e ideias essenciais para o planeamento e implementação da programação baseada em direitos.



Ações

Atividades para realizar no seu trabalho.



Informações úteis e recursos

Factos, citações e outros pormenores para ampliar os seus conhecimentos.



Ferramentas principais

Estas são **obrigatórias** para os funcionários e parceiros da WaterAid e devem ser utilizadas no seu trabalho de programação e sensibilização.



Ferramentas de bónus

Estas são ferramentas adicionais para utilizar no seu programa e trabalho de sensibilização, quando apropriado.

Integrar a inclusão

Não há nenhuma solução única que possamos escolher e aplicar para tornar o nosso trabalho mais inclusivo; temos de realizar uma série de ações diferentes, adaptadas ao contexto específico.

Também não se trata de um processo linear; algumas atividades podem ser levadas a cabo em vários momentos do ciclo do programa e outras em paralelo. Uma atividade pode acabar por ter resultados inesperados, exigindo que responda de formas que não previra originalmente, adaptando a sua abordagem.

Concentrar-se nos princípios dos **direitos à água e ao saneamento** ajudará a guiar a sua jornada rumo à igualdade, não discriminação e inclusão na WASH.

Agnes à porta das novas instalações sanitárias da sua escola em Slaya, Quênia.

“O direito humano à água confere a toda a gente, sem discriminação, o direito a água suficiente, segura, aceitável e acessível em termos físicos e económicos para uso pessoal e doméstico. O direito humano ao saneamento confere a toda a gente, sem discriminação, o direito ao acesso a saneamento acessível em termos físicos e económicos em todas as esferas da vida, que seja seguro, higiénico e aceitável do ponto de vista social e cultural, garantindo a privacidade e a dignidade.”

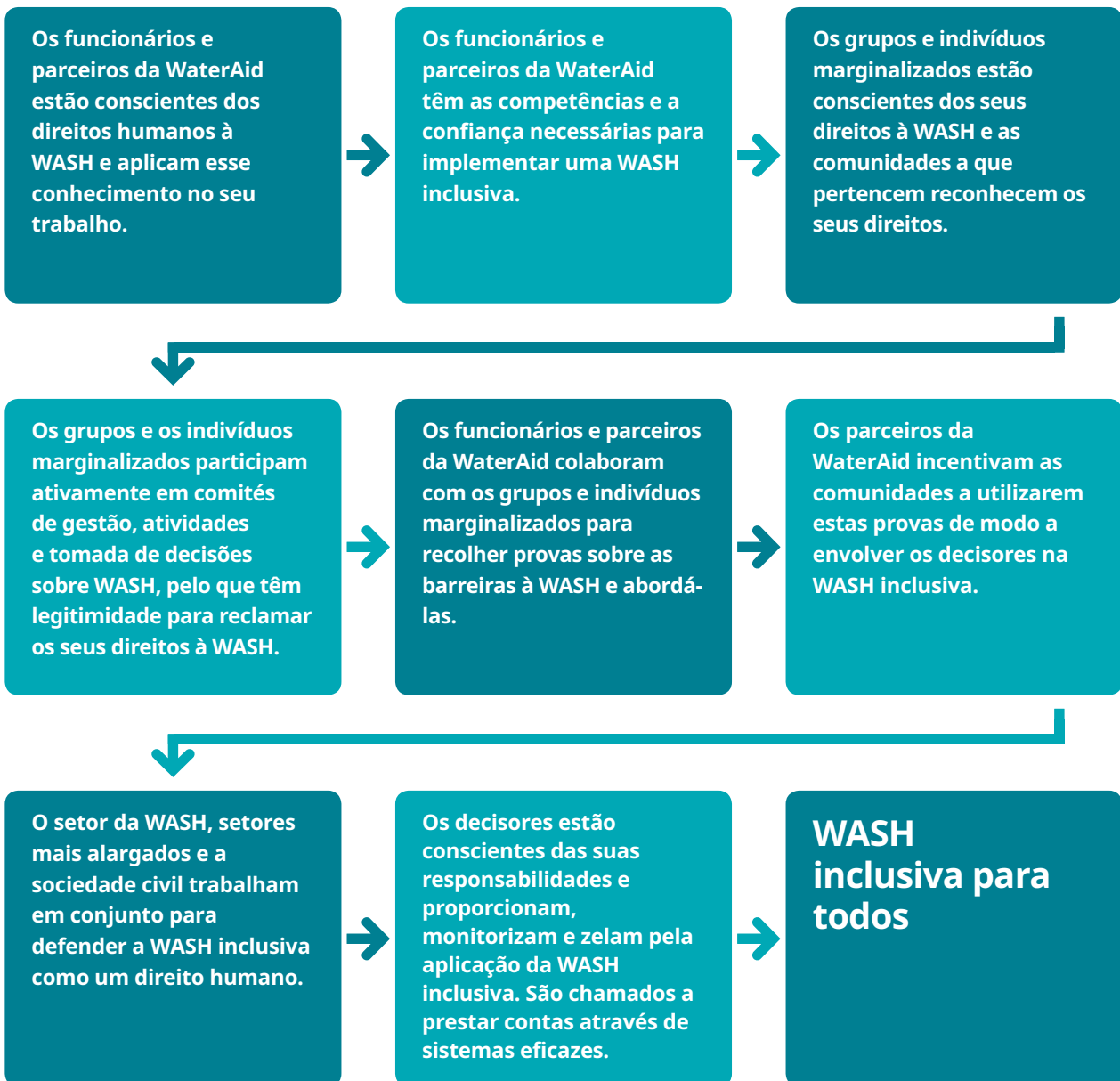
Assembleia-Geral das Nações Unidas/Conselho dos Direitos Humanos²



O diagrama Passos para a WASH inclusiva da WaterAid demonstra os passos que deve dar para alcançar a WASH inclusiva para todos.

Lembre-se: não se trata de uma série de ações isoladas. Devem estar integradas em tudo o que faz. A sua abordagem deve ser adaptada ao contexto local e suficientemente flexível para tirar proveito de oportunidades quando estas aparecem.

Diagrama 1: Passos para a WASH inclusiva



Fonte: WaterAid Guidance (atualização de 2017).



Membros de uma organização de pessoas com deficiência em Madagascar descrevem os problemas que enfrentam para fazer com que os empreiteiros oiçam as suas necessidades quando constroem instalações.

1

Informe-se

Secção 1



WaterAid/ Sibtain Haider

Fida Husain
lava as mãos na
instalação WASH em
sua casa em Punjab,
Paquistão.

Esta secção apresenta os conceitos-chave que sustentam a igualdade, a não discriminação e a inclusão no setor da água, saneamento e higiene (WASH) e explica o que significam para a programação prática.

Estes conceitos são-lhe familiares?

- Igualdade e não discriminação
- Equidade e inclusão
- A abordagem baseada em direitos e a participação
- Marginalização, exclusão social e interseccionalidade

Secção 1



Ação

Leia as declarações abaixo e selecione a resposta que melhor descreve a sua opinião. Seja honesto.

	Sim, concordo totalmente	Concordo até certo ponto	Não, discordo totalmente
A equidade e a igualdade são basicamente a mesma coisa	3	2	1
O acesso consiste em garantir a existência de rampas para pessoas com deficiência em pontos de água e latrinas	3	2	1
A não discriminação consiste em garantir a presença de representantes do sexo feminino nos comités da água	3	2	1
A inclusão envolve a presença de pessoas com deficiência e mais idosas nos debates da comunidade	3	2	1
Toda a gente tem os seus direitos, pelo que é injusto privilegiarmos um grupo específico de pessoas	3	2	1
Total			

Qual foi a sua pontuação?

Entre 5 e 7

Tem um bom conhecimento dos principais conceitos e poderia passar diretamente à Secção 2, mas leia a Secção 1 se quiser confirmar que está a par de todas as questões.

Entre 8 e 11

Tem alguns conhecimentos básicos dos principais conceitos, mas provavelmente não tem 100% de certeza sobre a forma como funcionam na prática, por isso é melhor ler a Secção 1.

Entre 12 e 15

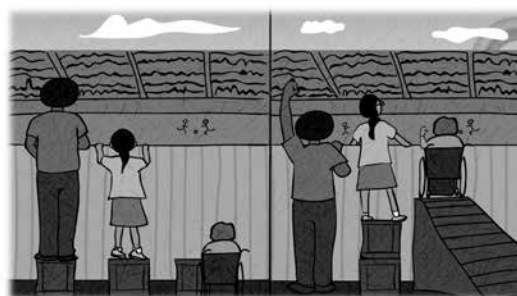
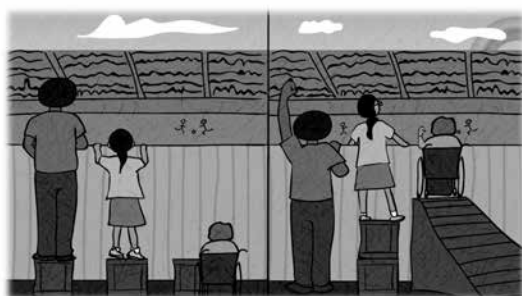
O seu conhecimento dos principais conceitos é limitado. Leia atentamente a Secção 1.

Definições importantes

Consideremos agora alguns dos conceitos-chave e o seu significado para a programação prática.

A equidade e a igualdade não são, definitivamente, a mesma coisa. Experimente pensar na questão desta forma:

Diagrama 2: Equidade vs. igualdade



Fonte: baseado numa ideia original de Craig Froehle (2012).

A imagem acima mostra um grupo de pessoas que foram assistir a um jogo de futebol. Todas elas receberam o mesmo conjunto de ferramentas para ajudar a obter uma boa vista. Mas, apesar de terem as mesmas ferramentas, nem toda a gente consegue ver a ação. Tratar toda a gente da mesma forma não irá necessariamente fazer com que toda a gente obtenha os mesmos resultados. A igualdade não resulta de prestar o mesmo serviço a toda a gente.

A imagem acima mostra que, para realmente se conseguir ver o jogo de futebol, foi necessário tomar algumas medidas práticas para alcançar a igualdade. Estas medidas são aquilo em que nos centramos quando falamos de equidade: o que temos de fazer para permitir que diferentes pessoas partilhem os resultados. A equidade consiste em proporcionar as ferramentas ou mecanismos através dos quais é possível alcançar a igualdade.



A equidade é o princípio da justiça.

A equidade implica reconhecer que as pessoas são diferentes e que necessitam de diferentes tipos de apoio e recursos para que os seus direitos sejam exercidos. Para assegurar a justiça, muitas vezes é necessário tomar medidas para compensar a discriminação e as desvantagens. Como é evidente, o problema real do cenário é o muro. Voltaremos a esta questão mais tarde.

A igualdade é um direito humano fundamental a oportunidades iguais.

A igualdade é a obrigação jurídica que assegura que toda a gente possa reivindicar os seus direitos. A igualdade reconhece que tradicionalmente algumas pessoas viram as suas oportunidades negadas devido a serem quem são, viverem onde vivem, terem as crenças que têm ou pelo facto de terem uma deficiência (os chamados “motivos proibidos”).

As leis sobre os direitos humanos exigem acesso igual a serviços básicos, embora, como a imagem ilustra, tal não signifique prestar o mesmo serviço a toda a gente. Ajudam ao assegurar a remoção das barreiras e a abordagem da discriminação.

Ligado à igualdade está o princípio da **não discriminação**.

A não discriminação é o princípio jurídico que proíbe qualquer distinção, exclusão ou restrição que faça com que uma pessoa ou grupo de pessoas não consiga usufruir, ou exercer, dos seus direitos humanos em condições de igualdade com outras pessoas com base em “motivos proibidos”.

Para que a igualdade seja alcançada, a inclusão é essencial. Tal não significa simplesmente que todas as pessoas estejam presentes (como acontece na imagem da esquerda), mas que as pessoas sejam apoiadas para se envolverem em processos que garantem que os seus direitos e necessidades são reconhecidos.

A inclusão consiste em garantir que toda a gente tem a oportunidade de participar plenamente.

Os princípios da igualdade e da não discriminação estão integrados nos objetivos estratégicos da WaterAid. Reconhecer os direitos humanos à água e ao saneamento significa mais do que o mero acesso e participação, abrangendo as obrigações



WaterAid/Ernest Randriamalala

que os governos têm, a nível nacional e local, de implementar a igualdade e a não discriminação em todos os aspetos do seu trabalho.

As consequências práticas desta situação tornam-se claras quando pensamos nos serviços. Podemos construir pontos de água em aldeias rurais remotas para promover o direito humano a água potável segura para todos. No entanto, se a conceção desse ponto de água não tiver levado em conta a forma como as crianças, as pessoas com deficiência ou os idosos poderão utilizá-lo, nem todas as pessoas verão consagrado o seu direito a água potável segura.

Uma conceção inacessível pode não ser o único motivo pelo qual as pessoas são excluídas de serviços WASH. Por vezes, atitudes negativas, normas e crenças impedem que algumas pessoas utilizem instalações partilhadas. Por exemplo, as pessoas que vivem com o VIH, a lepra ou uma deficiência podem ser impedidas de utilizar um ponto de água devido ao receio de contaminação.

Toda a gente tem direitos, mas algumas pessoas necessitam de apoio específico para conseguir exercê-los. Dar resposta às necessidades das pessoas em maior risco de marginalização no nosso trabalho não é ser injusto; é ser equitativo.

Vero abre a torneira pela primeira vez na aldeia de Tsarafangitra, Madagáscar.

Secção 1

A natureza mutável do desenvolvimento – das necessidades aos direitos

Para alcançarmos a igualdade, a não discriminação e a inclusão na WASH, temos de passar de uma abordagem baseada nas necessidades para uma **abordagem baseada nos direitos**. Isto porque a forma como pensamos sobre os problemas afeta diretamente os tipos de soluções que oferecemos.

Falar abertamente sobre direitos humanos por vezes pode ser difícil ou mesmo arriscado; no entanto, tal não significa que os princípios expressos nesta abordagem sejam inadequados ou que não se apliquem. Continuamos a poder trabalhar de formas que respeitam os princípios dos direitos humanos sem utilizar a linguagem específica que os acompanha. Se estiver a trabalhar num contexto em que não é possível falar abertamente sobre direitos humanos ou estes não são aceites, continua a poder utilizar este recurso e as ferramentas recomendadas, mas talvez tenha de falar sobre eles de forma diferente.

Vejamos como a abordagem ao desenvolvimento com base em necessidades ou direitos pode influenciar as decisões de programação.

Kausar com a mãe, Salma, em sua casa em Ratta, Punjab, Paquistão.



A abordagem baseada em necessidades/individual

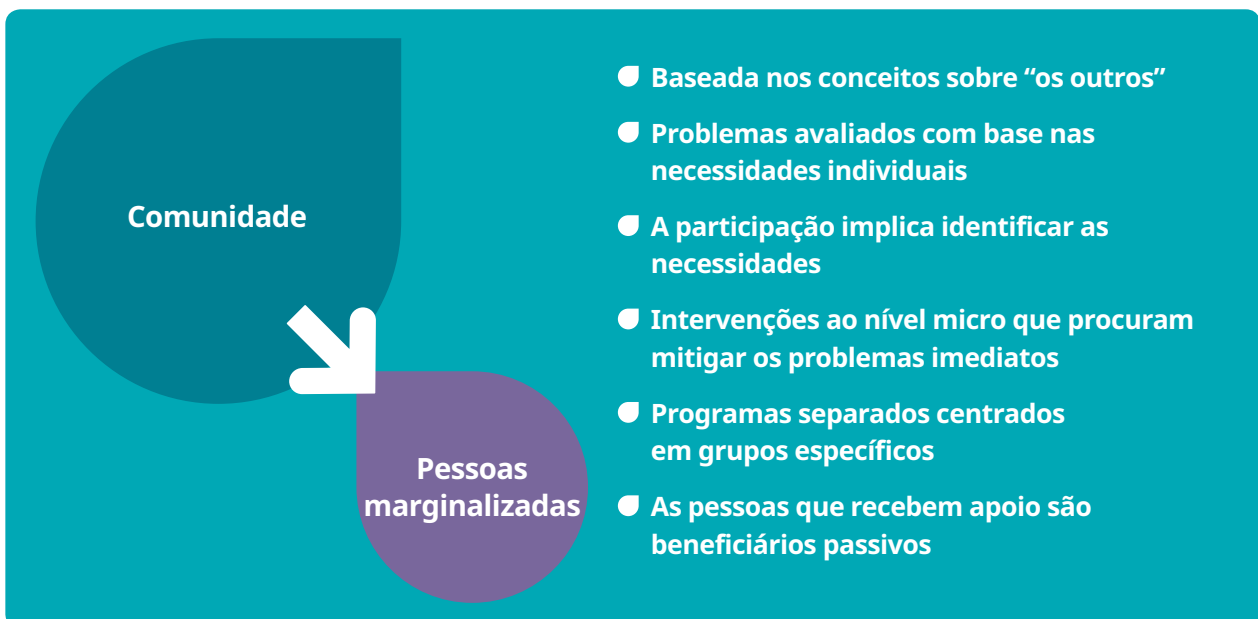
Originalmente, o apoio e a ajuda eram prestados às pessoas através de ações de caridade. Consistiam em donativos de alimentos, dinheiro, vestuário ou cuidados médicos para dar resposta a uma necessidade imediata.

O Diagrama 3 retrata a caracterização típica das pessoas marginalizadas como separadas do resto da comunidade, vistas como “os outros”. São encaradas como pessoas cuja identidade e necessidades representam algo fora da norma.

Uma abordagem ao desenvolvimento com base nas necessidades exige que as ONG sejam reativas às necessidades “dos outros” (ou “dos pobres”). Prevalcem as intervenções ao nível micro, geralmente dirigidas a grupos específicos de pessoas marginalizadas e concebidas para satisfazer as suas necessidades imediatas declaradas (ver como a seta aponta para pessoas marginalizadas no diagrama). Qualquer pessoa envolvida é encarada como um “destinatário” ou “beneficiário passivo” das intervenções.

Embora esta abordagem contribua para mitigar o sofrimento e melhorar o bem-estar, fá-lo somente pelas pessoas envolvidas e enquanto a intervenção dura. A longo prazo, muito pouco muda no sistema, pelo que as pessoas se mantêm, em grande medida, dependentes da ajuda e continuam a estar vulneráveis aos choques aleatórios (positivos ou negativos) com que se deparam durante as suas vidas. Infelizmente, tende também a centrar-se nas pessoas cujas necessidades são mais fáceis de reconhecer e de abordar (grupos de baixo custo e de alto impacto), em lugar das que são mais difíceis de alcançar.

Diagrama 3: A abordagem baseada em necessidades/individual

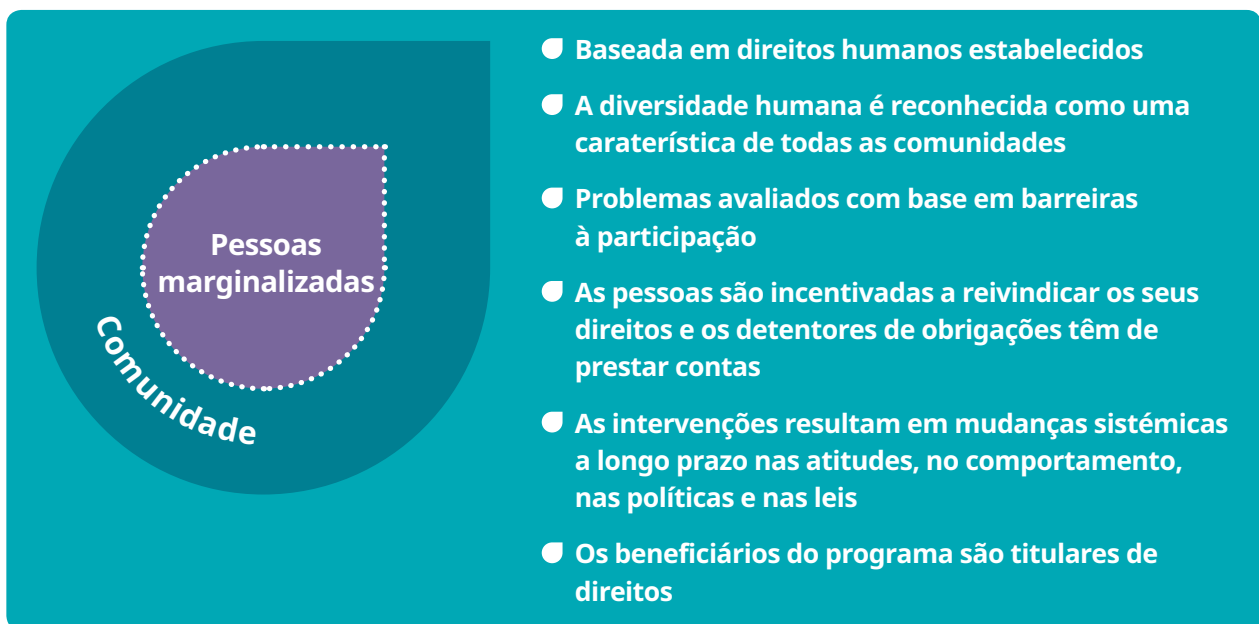


Fonte: Adaptado de um conceito original desenvolvido por Coe S e Wapling L (2010).³

A abordagem baseada em direitos/inclusiva

Então, o que é diferente numa abordagem baseada em direitos? Para começar, temos de entender o desenvolvimento como um direito humano. Tal significa que o desfavorecimento e a marginalização representam direitos não satisfeitos. O desenvolvimento deixa de estar associado às necessidades, mas sim aos direitos. Mas o que significa isto na prática? Observe a abordagem baseada em direitos/inclusiva no Diagrama 4. De que forma difere da abordagem baseada em necessidades?

Diagrama 4: A abordagem baseada em direitos/inclusiva



Fonte: Adaptado de um conceito original desenvolvido por Coe S e Wapling L (2010),³

Eduardo Felipe Homphriz Marklin frente ao recém-construído contentor de recolha de água da chuva em Wawa Bar, Nicarágua.



Uma diferença significativa reside no facto de toda a gente estar agora representada como fazendo parte da comunidade. Seguir uma abordagem baseada em direitos significa compreender que a comunidade é composta por um conjunto diverso de pessoas, todas elas com direito ao desenvolvimento. Em lugar de pensar sobre necessidades individuais, esta abordagem centra-se nas barreiras que as pessoas experimentam (representadas pela linha tracejada) para exercer os seus direitos.

O desenvolvimento inclusivo concentra-se mais agora em identificar essas barreiras e implementar intervenções que venham a resultar na sua remoção. O objetivo consiste em capacitar as pessoas marginalizadas para que reivindiquem os seus direitos, ao mesmo tempo que os detentores de obrigações (os que gerem os serviços ou detêm a autoridade para tomar decisões) são instruídos a compreender o que devem fazer para garantir que o seu trabalho é acessível. Ao longo do tempo, ocorrem mudanças sistémicas nas atitudes, no comportamento, nas políticas e nas leis e as barreiras são removidas; o poder e os recursos são reequilibrados e redistribuídos por toda a comunidade.

Uma abordagem ao desenvolvimento baseada nos direitos humanos presta atenção à dinâmica do poder entre as pessoas que experimentam a marginalização e as que tomam decisões. Ao incentivar as pessoas em risco de marginalização a reivindicarem os seus direitos e apoiar os detentores de obrigações no sentido de assumirem uma maior responsabilidade pela resposta às necessidades dos titulares de direitos, esta abordagem procura reequilibrar o poder e redistribuir os recursos de forma mais equitativa.

Esta abordagem procura alterar a relação entre os detentores de obrigações e os titulares de direitos, passando de uma relação de caridade e impotência para uma relação de obrigação e direitos.

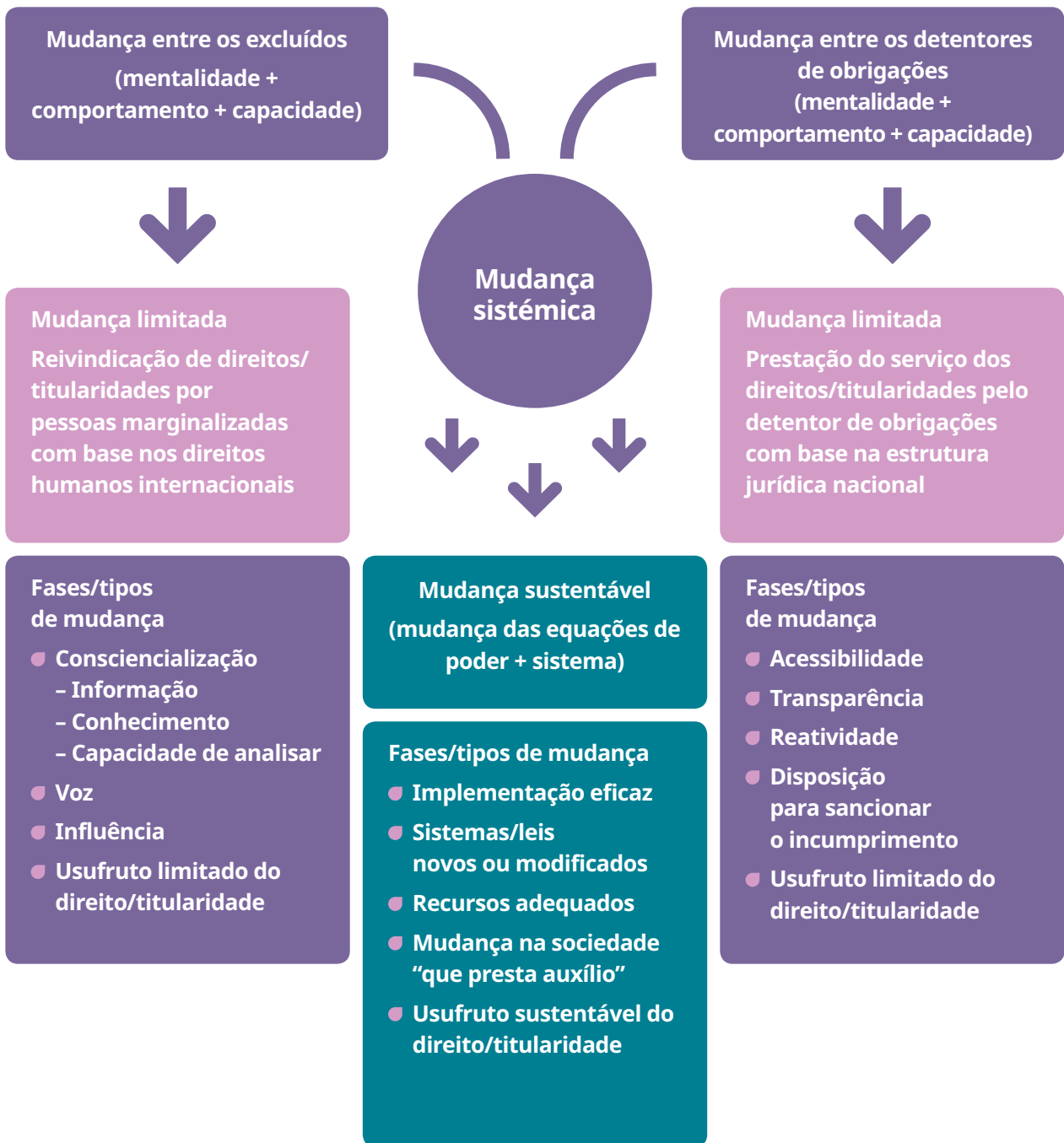


“O direito ao desenvolvimento é um direito humano inalienável em virtude do qual qualquer ser humano e todas as pessoas têm o direito de participar, contribuir e usufruir do desenvolvimento económico, social, cultural e político, em que todos os direitos humanos e liberdades fundamentais podem ser plenamente exercidos.”

Fonte: Assembleia-Geral da ONU (1986) Artigo 1 Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento.⁴

O Diagrama 5, abaixo, mostra de que forma a abordagem baseada em direitos humanos procura estimular a mudança em três áreas distintas, mas relacionadas, entre os excluídos, entre os detentores de obrigações e no próprio sistema.

Diagrama 5: A abordagem baseada nos direitos humanos



Fonte: WaterAid (2017)

Podemos trabalhar com as pessoas para desenvolver a sua consciencialização, voz e influência nos serviços; podemos trabalhar com os detentores de obrigações a fim de se responsabilizarem mais pela garantia de que os serviços WASH chegam a toda a gente; e podemos trabalhar no sistema que incentiva toda a gente a considerar os serviços como um direito e não como caridade.

Lembre-se de que os detentores de obrigações não são simplesmente os responsáveis governamentais óbvios, já que incluem qualquer pessoa com responsabilidade por outras pessoas, incluindo chefes de família, diretores de escolas, funcionários de centros de saúde, líderes comunitários e membros de organizações locais.

Assim, quando pensar em desenvolver programas inclusivos, deve prestar atenção a esta dinâmica. Será que todos os segmentos das comunidades com que trabalha compreendem realmente os direitos que eles (e outros) têm a serviços WASH? As autoridades públicas e os prestadores de serviços conhecem as obrigações que têm no que respeita ao fornecimento de instalações acessíveis?

Ação

Ver *Guidelines on embedding and integrating a human rights based approach*, disponível em: washmatters.wateraid.org/publications/embedding-and-integrating-a-human-rights-based-approach. Tome notas sobre a forma como pensa que o género, a idade (incluindo tanto as crianças como os idosos), a deficiência e o estado de saúde podem exercer impacto nos direitos à água, ao saneamento e à higiene do ponto de vista dos titulares de direitos e dos detentores de obrigações no seu contexto local.



Conceitos importantes na programação baseada em direitos



Em primeiro lugar, é necessário levar em consideração a **participação**.

Participação significa que as pessoas estão envolvidas nos processos sociais, económicos, políticos e culturais que afetam as suas vidas. Este aspeto é reconhecido como um direito.

Para alcançar a igualdade, a participação deve ser *significativa, adequada* e fornecer *apropriação*. A participação deve ser capacitativa, ou seja, deve proporcionar às pessoas uma voz nas decisões que afetam as suas vidas. Não se trata somente de inquirir as pessoas sobre as suas necessidades imediatas, mas também sobre o contexto mais alargado. Em primeiro lugar, é necessário determinar por que motivo as pessoas têm direitos não satisfeitos.

Numa abordagem baseada em direitos, as pessoas tornam-se participantes ativas no processo de mudança, aprendendo sobre os seus direitos e depois analisando a sua situação e as causas de exclusão. As pessoas podem começar a usar a sua voz para influenciar os outros através da sensibilização, mobilização e responsabilização dos detentores de obrigações, por exemplo. Deixam de ser beneficiários passivos das intervenções do programa e passam a ser agentes ativos da mudança. A secção 3 contém sugestões para promover a programação participativa.



Em segundo lugar, há questões relacionadas com a **discriminação** e a **marginalização**.

Discriminação significa tratar as pessoas de forma menos favorável devido ao seu estatuto ou identidade.

A questão de quem é marginalizado é crucial para a igualdade, a não discriminação e o processo de inclusão e constitui a base de muitas das ferramentas contidas neste recurso. Iremos refletir sobre como assegurar que as pessoas cujos direitos ficaram por exercer são integradas nos programas e projetos, como ajudar a capacitá-las e como melhorar a responsabilização e a reatividade da parte dos prestadores de serviços e das instituições estatais. Iremos analisar, em especial, como o poder, bem como a ausência de poder, alimenta a marginalização e como a adoção de uma



abordagem baseada em direitos, em lugar de baseada em necessidades, contribui para desafiar e redefinir relações de poder desequilibradas.

A marginalização é um processo pelo qual as necessidades de algumas pessoas se tornam menos visíveis, a sua voz está ausente do processo de tomada de decisões e os recursos não são partilhados de forma equitativa, como resultado da discriminação.



WaterAid/Mani Karmacharya

Samrakshya, Manisha e Dilasha mostram as suas mãos limpas em Kushadevi, Nepal.

De que forma a marginalização afeta a programação



Bryan lava as mãos num ponto de água na aldeia de Antanambao, Madagáscar.

Quando falamos das pessoas que estão em risco de serem “pobres e marginalizadas”, de quem estamos a falar? Em primeiro lugar, a WaterAid segue uma abordagem macro à identificação das pessoas com quem trabalha porque pretende garantir que são os mais pobres que são selecionados para receber apoio.

Lembre-se de que “pobre” neste sentido significa experimentar direitos não exercidos a água limpa e saneamento seguro.

Assim, a WaterAid trabalha em países de todo o mundo onde o acesso a WASH ainda não está garantido e, nesses países, com comunidades que estão, por exemplo, geograficamente marginalizadas, como as que se situam em áreas rurais remotas; em ambientes mais vulneráveis aos efeitos das alterações climáticas; ou onde os níveis dos rendimentos são baixos, incluindo em aglomerados populacionais informais. Estes são **fatores de nível macro** que nos ajudam a **selecionar comunidades situadas em áreas geográficas mais vulneráveis**.

Vejamos agora quem podemos esperar encontrar nestas comunidades e se alguma dessas pessoas pode ou não estar em maior risco de discriminação e marginalização. A um nível bastante geral, esperamos ver a comunidade constituída tanto por homens como por mulheres. Se adotarmos uma perspetiva de ciclo de vida, veremos que haverá seguramente bebés e crianças, jovens, adultos e idosos.

Desta forma, já podemos ver que existem dois fatores que podem potencialmente conduzir à marginalização: o **género** e a **idade**. As mulheres, as raparigas e os idosos podem sofrer de discriminação em relação à WASH.

Sabemos também que algumas pessoas da comunidade serão portadoras de deficiência e que outras sofrerão de doença prolongada, como o VIH, a tuberculose ou a lepra. Estes fatores podem também conduzir ao estigma e à discriminação. Assim, ao género e à idade podemos acrescentar a **deficiência** e o **estado de saúde**. Designamos estes elementos por **marcadores universais de marginalização** porque são fatores de potencial exclusão que estão presentes em todas as comunidades.

Marcadores universais de marginalização:

- **Género**
- **Idade**
- **Deficiência**
- **Estado de saúde**

Existem outros fatores de marginalização que poderão exercer impacto nas pessoas ao nível do programa, como, por exemplo, etnia, tribo, religião, casta, orientação sexual e identidade de género, condição de sem-terra, situação económica e estatuto de refugiado ou migrante, mas são **específicos do contexto**. Podem constituir um fator na explicação do motivo pelo qual subcomunidades específicas são selecionadas para os programas ao nível de decisão macro, mas mesmo no interior destas subcomunidades haverá pessoas para quem o género, a idade, a deficiência e o estado de saúde podem exacerbar a sua marginalização.

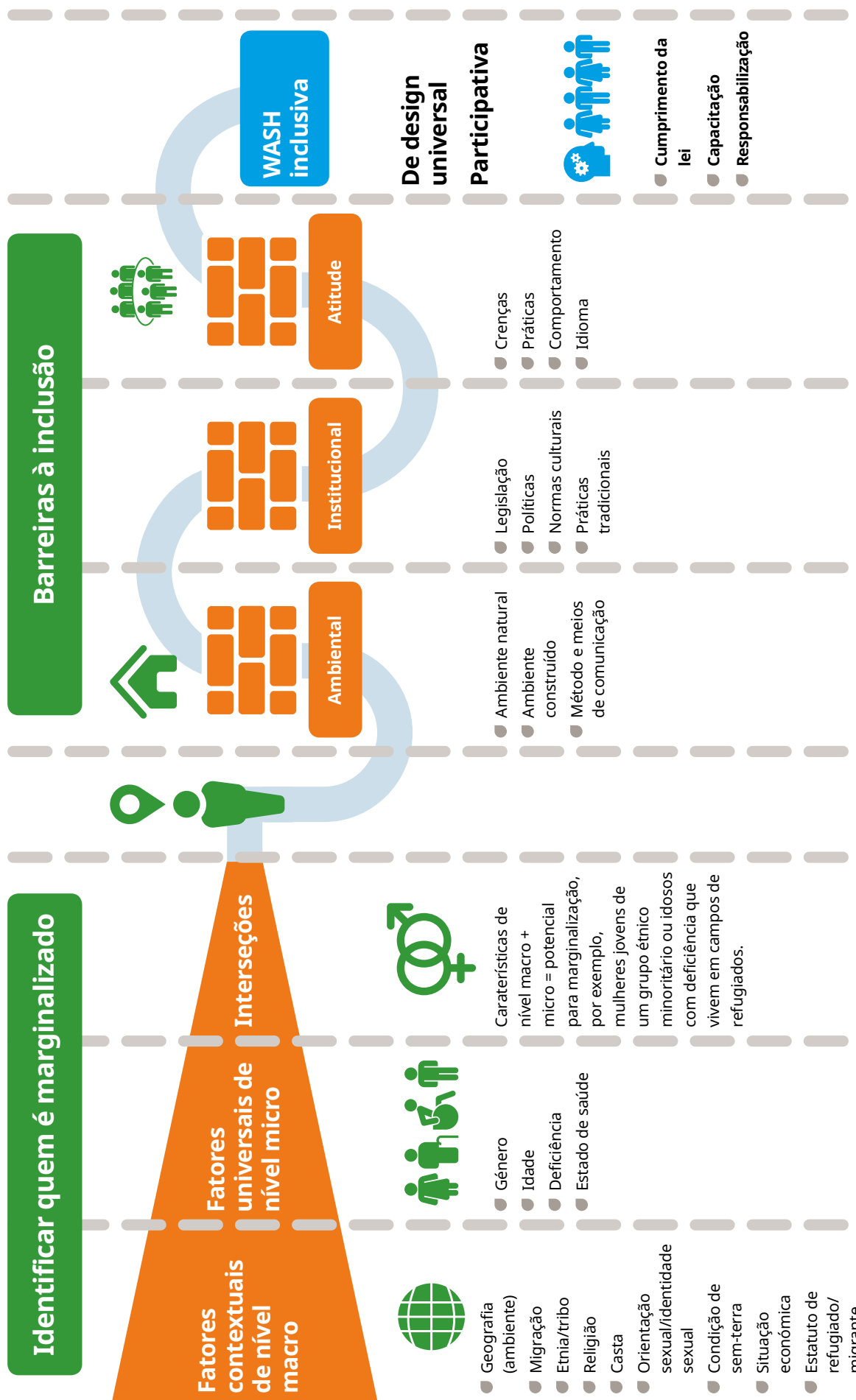
Qualquer um destes fatores em isolado, seja universal ou específico do contexto, pode exercer impacto nas oportunidades que as pessoas têm, mas combinados podem aumentar consideravelmente a vulnerabilidade de uma pessoa ou família. Assim, as desigualdades baseadas no género podem ser agravadas quando estão também associadas a outros tipos de discriminação, como a deficiência e o estatuto de minoria étnica. A este fenómeno chama-se **interseccionalidade**.

A interseccionalidade consiste no entendimento de que as experiências de uma pessoa serão afetadas pela forma como diferentes aspetos da sua identidade se sobrepõem, como, por exemplo, raça, classe, género, idade, estado de saúde ou condição de deficiência. Desta forma, algumas pessoas poderão vir a experimentar mais discriminação e marginalização devido a diferentes aspetos da sua identidade.

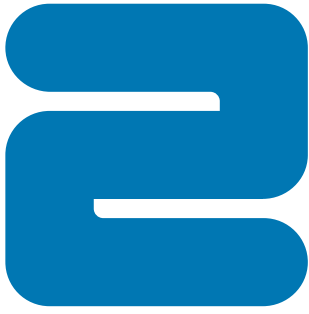
Esta questão é altamente significativa para compreendermos por que motivo alguns grupos de pessoas continuam a ser “difíceis de alcançar” ou “deixadas para trás” no processo de desenvolvimento. O seguinte diagrama ajuda a ilustrar como o conhecimento do perfil das comunidades pode melhorar os debates sobre as barreiras à inclusão e aumentar a probabilidade de que as intervenções exerçam um impacto alargado.



Diagrama 6: O quadro da marginalização



Fonte: criado por Wapling L em colaboração com trabalho desenvolvido pelo Girls Education Challenge Programme (2017).



Compreender a marginalização

Secção 2

Antes de poder implementar programas de WASH inclusiva, é importante que todas as pessoas envolvidas, incluindo funcionários e parceiros, compreendam os princípios subjacentes à igualdade, não discriminação e inclusão na WASH (Secção 1) e a terminologia e as categorias de marginalização com maior probabilidade de vermos no nosso trabalho (esta secção).

As palavras são importantes, especialmente no contexto da marginalização. É importante compreender que podem existir todos os tipos de estigmas, tabus, preconceitos e expectativas encerrados nas palavras que utilizamos. Os funcionários da WaterAid e dos parceiros, independentemente da área em que trabalhem, estão tão sujeitos a ter entendimentos discriminatórios ou conservadores dos conceitos como as comunidades em que trabalham.

É por este motivo que é tão importante que os termos género, deficiência, idade e estado de saúde estejam claramente definidos e sejam comunicados a toda a gente de forma consistente e contínua.

Esta secção oferece informações e ferramentas para verificar o seu próprio nível de conhecimentos e também o de outras pessoas e garantir que toda a gente usa a mesma linguagem antes de desenvolver programas. Não deixe nada ao acaso.

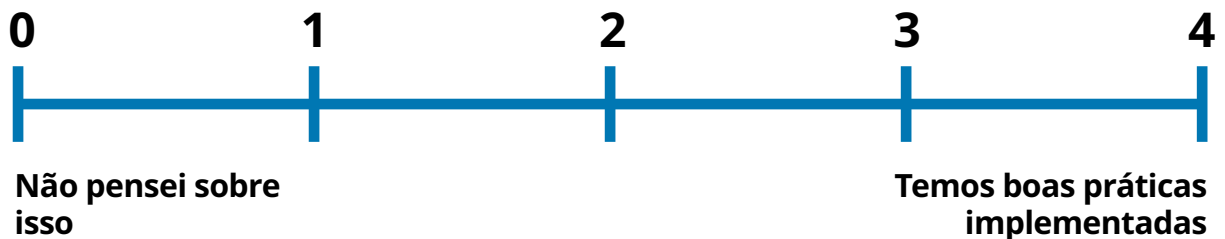
Iremos observar cada um dos “marcadores universais de marginalização” explicados na Secção 1: Género, Idade, Deficiência e Estado de saúde.



Ação

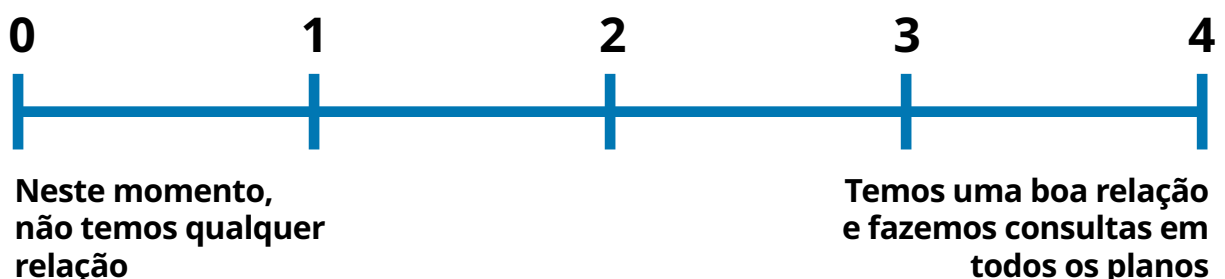
Realize o seguinte exercício com os funcionários e os parceiros para verificar até que ponto conhecem e compreendem a igualdade, a não discriminação e a inclusão na WASH e até que ponto estão empenhados no seu alcance.

1. Utilize a escala para classificar o grau pelo qual a sua organização pratica correntemente a igualdade, a não discriminação e a inclusão.



2. Agora, utilize a mesma escala para classificar o grau pelo qual se envolve com cada um dos seguintes grupos de pessoas no seu programa WASH e trabalho de sensibilização.

- Mulheres
- Homens
- Pessoas com deficiência (tanto mulheres como homens)
- Pessoas mais idosas, com 60 anos ou mais (tanto mulheres como homens)
- Crianças (tanto raparigas como rapazes)
- Pessoas com doenças crónicas (tanto mulheres como homens)
- No seu próprio contexto, que outra característica conduz frequentemente à discriminação ou exclusão?





Justine Dabire no seu triciclo em casa, em Dissin, Burquina Faso

Uma pontuação perfeita nesta ação é 48: como se estão a sair os funcionários e os parceiros com que trabalha? Uma pontuação de 20 ou mais sugere que a situação está a progredir na direção certa, mas, se for inferior, é necessário prestar séria atenção. Embora seja desejável alcançar uma pontuação global alta, é também importante destacar quaisquer lacunas. Se houver grupos de pessoas em falta ou que registem baixos níveis de interação na escala, terá de refletir sobre a explicação para tal. É realmente importante destacar nesta fase que qualquer trabalho que vise incluir pessoas marginalizadas necessita do aspeto do envolvimento ativo.

Expressar algumas preocupações comuns

Eis algumas razões comuns que as pessoas dão para explicar por que motivo alguns grupos de pessoas aparecem de forma menos óbvia do que outras:

“Não acreditamos que existam muitas destas pessoas nas nossas comunidades.”

“Para nós, é difícil identificá-las nas nossas comunidades.”

“Não temos as competências ou experiência necessárias para trabalhar com elas.”

“Não dispomos dos recursos para satisfazer as necessidades dessas pessoas.”

“Não acreditamos que possam dar um contributo válido.”

“Trabalhar com estas pessoas é muito problemático e não dispomos do tempo ou dos conhecimentos necessários para o fazer com eficácia.”

Muitas das preocupações expressas acima prendem-se mais com a falta de experiência e de confiança do que com quaisquer lacunas reais a nível de competências. Muitas podem ser significativamente reduzidas com algumas sessões de sensibilização oportunas. Muitas vezes as pessoas não se apercebem de que já detêm as competências para ajudar a combater a marginalização (já que constituem a base da maioria das atividades de desenvolvimento da comunidade).

Por isso, é sempre melhor começar por assegurar que os funcionários e os parceiros estão dotados das competências e da confiança necessárias para implementar a programação de WASH baseada em direitos. Atualize e amplie a compreensão e os conjuntos de competências onde necessário e estabeleça parcerias com organizações representativas, como, por exemplo, organizações locais de defesa dos direitos das pessoas com deficiência ou dos direitos das mulheres, para ajudar a conduzir estas sessões de consciencialização e aquisição de conhecimentos.

Definir com quem trabalhamos

Na Secção 1, apresentámos os marcadores universais da marginalização, um conjunto de fatores, comuns a todas as comunidades, que podem conduzir à discriminação e exclusão. As pessoas que se encaixam nestes grupos são cruciais para a programação baseada em direitos.

É tentador pensar que a simples identificação destes marcadores em planos e estratégias irá conduzir à inclusão de um maior número de pessoas destes grupos. Tal é verdade até certo ponto; existe certamente maior probabilidade de as atividades serem elaboradas com as necessidades das pessoas marginalizadas incluídas se estas forem designadas como um grupo excluído. No entanto, estes marcadores representam conceitos que não são tão generalizadamente compreendidos como se poderia pensar. Tudo pode ser interpretado de formas subtilmente diferentes, dependendo das experiências, atitudes, contexto cultural e formação das pessoas.

Nas seguintes páginas, tentamos fornecer exemplos e provas da forma como algumas características ou identidades de grupo podem afetar a experiência de WASH de uma pessoa. É importante salientar que nem todas as pessoas de um determinado grupo ou com uma certa característica enfrentarão barreiras ou discriminação. No entanto, estes exemplos oferecem um panorama do que as estatísticas e as provas nos dizem que constituem questões com potencial ou mesmo probabilidade de serem consideradas no nosso trabalho.

Francine, com o seu bebé, recolhe água no ponto de água na aldeia de Ambohijafy, Madagáscar.



WaterAid/Ernest Randriamalala

Deficiência

Mary Simeon utiliza o fontanário na aldeia de Chamwala, Malawi.



Deficiência não é um termo neutro, o que contribui para as dificuldades que podemos enfrentar na identificação de pessoas com deficiências na nossa programação. **Não assuma que toda a gente sabe o que significa deficiência.** Sem um entendimento claro e acordado do significado de deficiência do ponto de vista dos direitos, é possível que os programas falhem muitas das barreiras enfrentadas por pessoas com deficiência e que muitas delas permaneçam excluídas.

Cada país terá a sua própria definição oficial do que conta como deficiência, mas geralmente relaciona-se com a recolha de dados sobre as famílias, a prestação de proteção social e outros serviços específicos. De facto, poderá descobrir que a deficiência é definida de formas muito diferentes, mesmo no interior de um país. Internacionalmente, a forma habitual de descrever a deficiência (incluindo na WaterAid) é a definida na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (UNCRPD), que declara o seguinte:

“As pessoas com deficiência incluem as pessoas com incapacidades físicas, mentais, intelectuais e sensoriais de longa duração, que, em interação com várias barreiras, podem impedir a sua participação plena e efetiva na sociedade em condições de igualdade com as outras”.

Fonte: Artigo 1, UNCRPD (2006).

Assim, o que entendemos por incapacidade e deficiência?



Uma incapacidade é um problema de saúde físico, sensorial, intelectual e/ou mental de nascença ou que a pessoa adquiriu por lesão, acidente ou outra causa.

Quando utilizamos o termo **incapacidade**, concentramo-nos naquilo que torna uma pessoa diferente das outras; esse é o problema, ou problemas, de saúde físico, sensorial, intelectual e/ou mental que tem. No entanto, é apenas um rótulo médico; não descreve o impacto dessa diferença na sua vida quotidiana e não nos diz muito sobre o motivo pelo qual essa pessoa é excluída.

A deficiência resulta da interação entre a incapacidade de uma pessoa e as barreiras ambientais, sociais e institucionais que ela enfrenta.

Diagrama 7:



Fonte: OpenWASH (2018). *Count me in! Inclusive WASH in Ethiopia*, The Open University UK/WaterAid.

Quando utilizamos a palavra **deficiência**, a nossa concentração desvia-se para as barreiras de atitude, ambientais e institucionais que podem limitar ou excluir as pessoas com incapacidades da participação na sociedade; de uma forma mais simples, o efeito que uma incapacidade exerce na oportunidade de alguém realizar as atividades quotidianas. Este é o entendimento de deficiência que temos de garantir que toda a gente utiliza porque é assim que concentraremos a nossa atenção nas barreiras à inclusão e não nas necessidades médicas.

Este entendimento de deficiência adequa-se melhor à abordagem baseada em direitos: não se trata apenas de dar resposta às necessidades individuais, mas de lidar com barreiras, incentivar as pessoas a reivindicarem os seus direitos e a responsabilizarem os detentores de obrigações e alcançar mudanças sistémicas de longo prazo nas atitudes, comportamentos, políticas e leis. Este modelo é conhecido como “o modelo social de deficiência”.

É importante salientar que isto não significa que as pessoas com deficiência devem ser tratadas da mesma forma que as pessoas sem deficiência e que as suas incapacidades não importam. Lembra-se da imagem da Secção 1? Para alcançar a igualdade, temos de identificar e remover as barreiras à inclusão.

Deficiência e WASH

O *Relatório Mundial sobre a Deficiência* estima que, a nível global, existam mais de mil milhões de pessoas com mais de 15 anos a viver com uma deficiência.⁶ Representando 15,3% da população mundial, este valor significa que, em média, uma em cada quatro famílias inclui uma pessoa com deficiência.⁶ Os valores relativos à deficiência na infância (0–14 anos) apontam para a existência de cerca de 95 milhões de crianças com deficiência.⁶ A deficiência na infância é geralmente mais comum nos países de baixos e médios rendimentos, mas também varia regionalmente, sendo as taxas mais elevadas registadas em África (22%) e no Sudeste Asiático (21,1%).

Os dados revelam também que as populações vulneráveis têm maior probabilidade de serem afetadas pela deficiência. Assim sendo, não só existem mais pessoas com deficiência nos países de rendimentos mais baixos de uma maneira geral, como as taxas são também mais elevadas entre as mulheres, os idosos, as pessoas que vivem em situação de pobreza e as que pertencem a minorias étnicas.^{7, 8}

A prevalência da deficiência está também a crescer. O risco de deficiência aumenta com a idade e, em vista dos aumentos na esperança de vida em todo o mundo, existe um número crescente de pessoas idosas em muitos países. Além disso, mais pessoas sobrevivem a traumatismos e doenças com efeitos incapacitantes associados que no passado teriam sido fatais, contribuindo para o aumento global do número de pessoas que vivem com doenças crónicas e doenças não transmissíveis, como cancro, diabetes, doenças cardiovasculares, hipertensão e doenças renais e hepáticas.⁶

Envolver as pessoas com deficiência na conceção do programa contribui para assegurar que a prestação de serviços de WASH responde a diferentes necessidades, por exemplo, levando em consideração opções de tecnologia de água e saneamento, utilizando diferentes formas de comunicar mensagens de higiene e fornecendo opções adicionais e formação a cuidadores de pessoas com deficiência. Embora nem tudo se trate de adaptação física, é útil ter em mente que é muito mais barato garantir na fase de planeamento que o design WASH é inclusivo do que efetuar adaptações mais tarde.

As retretes não higiénicas exercem um impacto desproporcionado na saúde e na dignidade das pessoas com dificuldades visuais ou de mobilidade porque têm maiores probabilidades de terem de se arrastar por pavimentos sujos ou de pisar os detritos deixados pelos outros.⁹ Pontos de água distantes e inacessíveis dificultam a recolha de água para consumo próprio por muitas pessoas com deficiência, idosos e



WaterAid/Basile Ouedraogo

crianças, reforçando a sua dependência de outras pessoas e aumentando as probabilidades de restringirem a sua ingestão e utilização de água num esforço para não sobrecarregar os outros.⁹ A escassez e a fragilidade da água podem ser sentidas em maior grau pelas pessoas sem capacidade de recolher ou de aceder à água por si próprias. Por sua vez, esta situação aumenta o fardo dos cuidadores, que têm de satisfazer as suas próprias necessidades e as das pessoas de que cuidam.

A programação e o envolvimento na WASH podem ajudar as pessoas com deficiência a reivindicar os seus direitos, contribuindo para aumentar a sua visibilidade, dignidade, autoconfiança e participação ativa na política e no processo de tomada de decisões, muitas vezes através do trabalho estreito com organizações de pessoas com deficiência.

Uma rapariga com dificuldades de aprendizagem faz exercícios com um docente/cuidador numa escola de ensino especial no distrito de Bamako, Mali.

Género

As funções de género são socialmente construídas e vêm acompanhadas por conjuntos de expectativas e normas. **O sexo** refere-se às diferenças fisiológicas que existem entre mulheres e homens, ao passo que **o género** compreende todos os atributos sociais que atribuímos ao facto de se ser do sexo feminino ou masculino como resultado da nossa cultura e sociedade.

A identidade de género de homens e mulheres afeta a forma como são tratados, as expectativas que podem vir a ter, a forma como se comportam e até a forma como se espera que pensem. Na medida em que são aprendidas, as funções de género variam ao longo do tempo e entre comunidades e têm sido afetadas por avanços tecnológicos que estão a desafiar as práticas económicas e sociais mais tradicionais.

As mudanças nas funções de género e expectativas conduzem frequentemente à resistência, especialmente da parte dos que procuram preservar as crenças culturais ou tradicionais. Antecipar as dificuldades que podem decorrer da alteração de estatuto de mulheres e homens, integrando esta análise na programação da WASH, é essencial. Não se trata simplesmente de assegurar números iguais de mulheres e homens nos comités da água, mas de compreender a forma como participam (por exemplo, estarão as mulheres a desempenhar todas as funções administrativas, deixando o processo de tomada de decisões aos homens?) e como isto afeta outros aspetos das suas vidas.¹⁰

As considerações de género não se limitam às mulheres e aos homens; temos também de reconhecer outros aspetos da identidade de género que podem afetar o acesso. Existem poucas provas formais, mas estão a surgir dados sobre a discriminação e crescente violência com base no género experimentadas pelas pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, transgénero ou intersexuais (LGBTI).

O que se mostra claro é que um simples entendimento binário do género, por outras palavras, a catalogação básica de mulher e homem, não abrange a experiência que toda a gente tem como pertencente ao sexo feminino ou masculino, pelo que não podemos fazer pressupostos sobre o género das pessoas. Apesar de este recurso não se dedicar especificamente às questões que afetam a comunidade LGBTI no que se refere ao



WaterAid/Ernest Randriamialala

Irene com a filha, Keilane, e a sobrinha dentro de sua casa na aldeia de Ambohimalaza, Madagáscar.

género, este é um fator alvo de crescente atenção no que respeita à discriminação e violência com base no género e algo que deve levar em consideração quando pensa sobre quem está excluído. Dependendo do contexto em que trabalha, encontrar-se com pessoas da comunidade LGBTI e descobrir mais sobre os problemas que enfrentam no acesso à WASH seria um ótimo ponto de partida.

Género e WASH

Embora a água e o saneamento sejam reconhecidos como direitos humanos, alcançar o acesso universal não será possível a menos que as necessidades específicas das **mulheres e raparigas** sejam integradas nas políticas e programas.¹¹ Existem algumas normas sociais e culturais muito poderosas no que respeita às funções, responsabilidades e até aos corpos das raparigas e mulheres que exercem impacto na sua capacidade de acesso a serviços WASH.

As mulheres e raparigas têm habitualmente a responsabilidade de recolher água na maioria das famílias, mas a maioria desta água é utilizada para cozinhar, limpar a casa e as instalações sanitárias e manter as crianças limpas. Desta forma, sobra muito pouco para as suas próprias necessidades de higiene, especialmente quando as reservas são reduzidas. No entanto, as

mulheres e as raparigas estão em maior risco de infecção, especialmente durante a menstruação e a gravidez, quando não podem utilizar água para fins de higiene pessoal.

As mulheres e as raparigas podem também enfrentar um maior risco de violência baseada no género quando têm de utilizar instalações mal situadas ou pouco limpas (por exemplo, fontes de água isoladas e remotas ou latrinas inseguras). Quando não existem latrinas, ou quando as que estão disponíveis estão demasiado sujas, as raparigas e as mulheres têm de correr o risco de defecar a céu aberto.¹²

A exclusão e a pobreza das mulheres e raparigas são também intensificadas por uma falta de consideração da disponibilização de instalações de gestão da higiene menstrual. Quando persistem tabus e estigmas, frequentemente não podem ir ao trabalho ou à escola ou participar plenamente na vida pública ou familiar.¹³

Os desafios que as mulheres enfrentam no âmbito da WASH mudam ao longo das diferentes fases das suas vidas e de acordo com outros fatores que se intersejam, como se têm ou não deficiência, se pertencem a um grupo socioeconómico mais baixo ou a um grupo étnico que é marginalizado, se são casadas ou viúvas, etc.

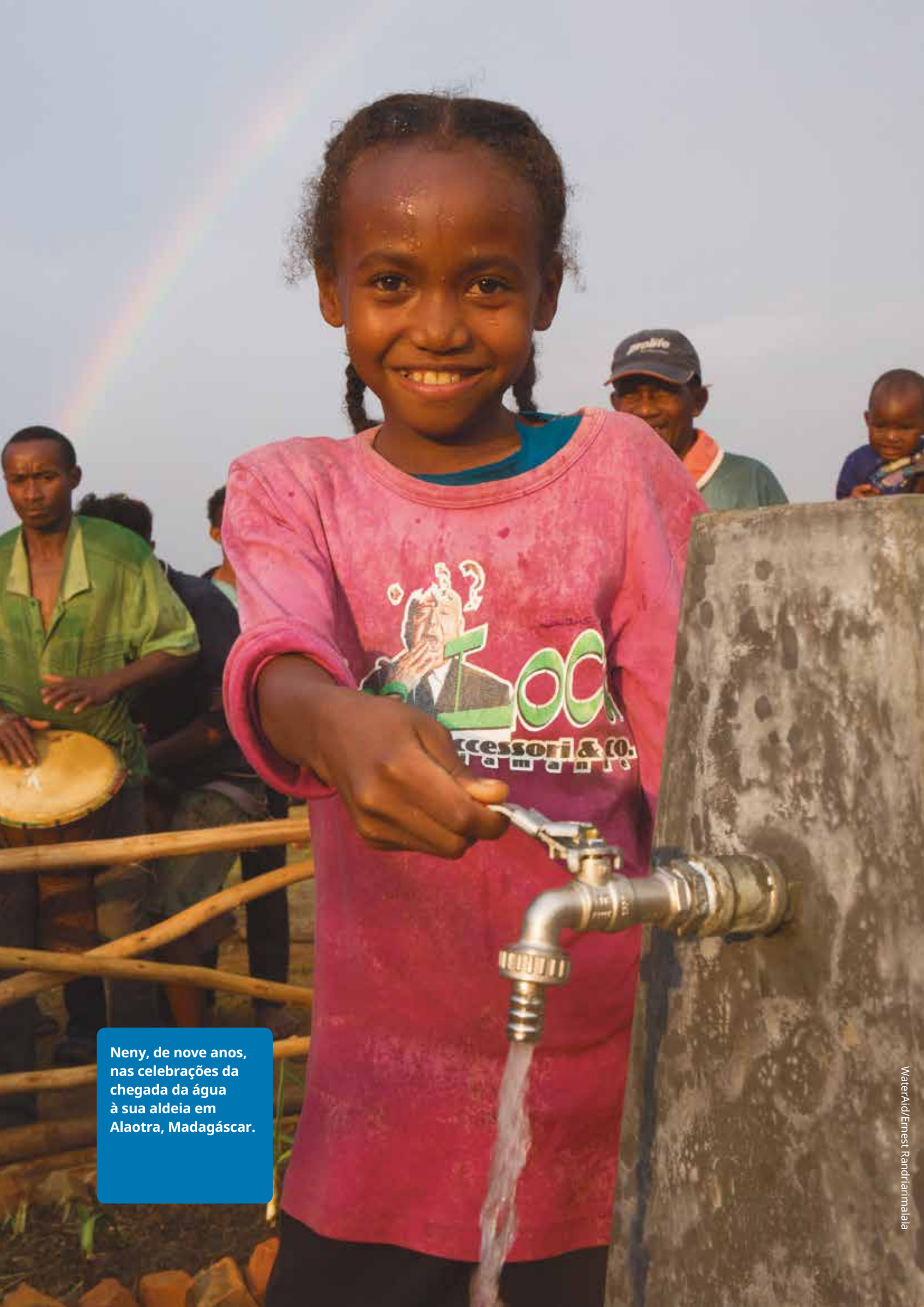
As mulheres e as raparigas experimentam exclusão em relação à WASH a quase todos os níveis. Tradicionalmente, os homens têm assumido poderosas funções no processo de tomada de decisões nas estruturas de governação comunitárias, locais e nacionais, ao passo que as mulheres têm desempenhado funções mais passivas e relacionadas com a vida doméstica. Os estereótipos culturais e as normas relacionadas com o género podem afetar os processos de tomada de decisões e o acesso ao poder, aos recursos, à participação pública e até à própria água. Estas normas chegam a ser tão fortes que podem continuar a afetar atitudes mesmo quando existe política e legislação positivas em vigor.

As questões relacionadas com a WASH são fundamentais para as vidas das mulheres e raparigas e estas são fundamentais para o sucesso e a sustentabilidade dos investimentos na WASH.

Fonte: Gender and Development Network (2016). *Achieving gender equality through WASH*.¹¹

Apesar de serem as principais responsáveis pelas necessidades de WASH na família, devido às relações de poder desiguais que existem entre mulheres e homens, as mulheres têm muito menos probabilidades de participar no processo de tomada de decisões relacionado com o planeamento de serviços melhorados. Se a situação permanecer inalterada, continuará a ser muito difícil que as instalações e serviços de WASH respondam às necessidades das mulheres e raparigas.

A concentração nas mulheres e sua inclusão na programação da WASH contribui para resultados de WASH mais eficazes e sustentáveis, além de ser um bom mecanismo para melhorar a igualdade de género e o bem-estar, a influência, a liderança e a capacitação económica em geral das mulheres. Por conseguinte, é benéfico para as mulheres e raparigas e a sociedade em geral tanto do ponto de vista prático (ajudando nas obrigações e funções do quotidiano) como estratégico (questionando a longo prazo as funções de género e normas discriminatórias).¹¹



Neny, de nove anos, nas celebrações da chegada da água à sua aldeia em Alaotra, Madagáscar.

Idade

O termo **peçoas idosas** é habitualmente utilizado para definir pessoas acima de uma certa idade. Mas a idade em que as pessoas são vistas como idosas varia. A ONU (e este recurso) utiliza 60 anos e mais, que é também o critério que define as pessoas idosas utilizado na maioria das estatísticas. Os departamentos governamentais poderão ter definições diferentes para uma pessoa idosa, dependendo dos serviços que oferecem. Por exemplo, muitos países de altos rendimentos definem a idade em 65 anos porque é nesta idade que as pessoas podem começar a receber uma reforma ou pensão de velhice da Segurança Social.

No entanto, a idade cronológica de uma pessoa poderá não refletir o quão “velha” se sente e em ambientes comunitários as pessoas poderão não referir-se a si próprias como idosas ainda que tenham mais de 60 anos. De facto, as pessoas idosas frequentemente definem a velhice como o declínio na saúde e na independência (perda das capacidades mentais e físicas) e não como algo que simplesmente acontece quando se chega a uma determinada idade. A velhice pode também estar relacionada com uma mudança no estatuto social, como o facto de uma pessoa passar a ter netos, reformar-se do trabalho formal ou enviuvar.

De igual modo, se **as crianças e os jovens** podem ser definidos pela sua idade cronológica (assumindo que existe um registo do seu nascimento), o facto de poderem ou não participar em atividades de forma independente pode ser controlado por tradições locais ou pelo seu desenvolvimento pessoal.

O que é importante não é necessariamente seguir as definições oficiais, mas debater e definir à partida o que quer dizer com os termos “crianças”, “jovens/adolescentes” e “peçoas idosas” e garantir que toda a gente envolvida no seu programa conhece as definições que utiliza, incluindo nas comunidades com que trabalha.

Idade e WASH

As crianças são altamente vulneráveis aos efeitos de uma WASH deficiente, com as resultantes mortes e doenças a afetar desproporcionadamente as crianças, as mulheres e as pessoas

que vivem na pobreza.¹⁴ A diarreia resultante da falta de WASH é a segunda causa mais comum de morte nas crianças com menos de 5 anos a nível global.¹⁵

As infeções, especialmente as que resultam em diarreia, podem impedir os organismos das crianças de absorver os nutrientes de que necessitam para crescerem e se desenvolverem. De facto, cerca de metade do total de casos de desnutrição é resultado de episódios repetidos de diarreia ou de parasitas intestinais causados por água contaminada.¹⁶

Em 2017, havia 962 milhões de pessoas em todo o mundo com mais de 60 anos. No entanto, espera-se que este número mais do que duplique para 2,1 mil milhões em 2050 e mais do que triplique para 3,1 mil milhões em 2100.¹⁷ Muitos **idosos** vivem em situação de pobreza extrema e são excluídos do processo de tomada de decisões, ao mesmo tempo que se veem na situação de cuidadores das gerações mais jovens. Referem frequentemente o acesso a água limpa e saneamento como uma preocupação particular para eles e para as famílias que dependem deles.

Os idosos podem também estar vulneráveis à deficiência e questões relacionadas com a saúde, especialmente perda da audição, perda da visão, restrições de mobilidade e outros fatores como a incontinência relacionada com a idade, o que os faz correr um significativo risco de serem excluídos da WASH. Até quando existem instalações disponíveis, são frequentemente de difícil acesso e utilização, pelo que os idosos poderão continuar a praticar a defecação a céu aberto ou a depender da ajuda de outros familiares.

Os idosos poderão deparar-se com dificuldades em recolher água e utilizar instalações de abastecimento de água, podendo tornar-se mais dependentes da ajuda dos outros.

Estas restrições à água e ao saneamento poderão levar os idosos a terem de comer e beber o que e quando for possível, restringindo os seus movimentos e impedindo-os de viverem vidas plenas e dignificantes.



WaterAid/Joey Lawrence

Mariama Adu
recolhe água limpa
da bomba em
Tombohuaun, Serra
Leoa.

Estado de saúde

Outro marcador universal de marginalização é o **estado de saúde**. Interessa-nos em especial trabalhar com pessoas que são socialmente excluídas por sofrerem de uma doença crónica. Em palavras simples, uma doença crónica é uma doença cujos sintomas persistem há mais de três meses. Algumas doenças resultam de uma infeção, como o VIH, a tuberculose (TB), a lepra, a filaríase linfática (FL) e a Hepatite C, e outras são doenças não infecciosas ou não transmissíveis (DNT), como as doenças cardíacas, os acidentes vasculares, o cancro, a asma e a diabetes.

Qualquer uma destas doenças pode ter como consequência a exclusão como resultado direto de as pessoas sofrerem de mobilidade e capacidade mental ou física reduzidas. No entanto, pode também verificar-se um considerável estigma associado à doença, o que pode significar que as pessoas estão socialmente isoladas ou que são discriminadas, especialmente no que se refere à WASH. Doenças como o VIH, a lepra, a FL e muitas outras doenças tropicais negligenciadas (DTN) estão associadas a elevados níveis de estigma e podem exercer um impacto significativo no grau com que as pessoas e as suas famílias estão aptas a utilizar instalações públicas de WASH ou desempenhar um papel ativo na vida comunitária.¹⁸

Estado de saúde e WASH

No final de 2015, havia mais de 36 milhões de pessoas em todo o mundo a viver com o VIH.¹⁹ É importante que as pessoas que vivem com esta doença crónica, especialmente as que tomam medicamentos antirretrovirais, mantenham uma dieta equilibrada e tenham acesso a água potável. As pessoas que vivem com o VIH têm um risco muito maior de desenvolver infeções e diarreia, risco que se torna acrescido no caso de bebés que contraem o VIH por transmissão da mãe durante a gravidez ou amamentação.

Este grupo sofre um risco particular de exclusão devido ao estigma em comunidades que impedem as pessoas que vivem com o VIH de utilizarem instalações de WASH coletivas como resultado de conceitos erróneos sobre a forma como o VIH é transmitido.⁹ Um acesso deficiente a água limpa e saneamento

também aumenta a incidência e o risco de infeção para aqueles que cuidam de pessoas com o VIH, incluindo profissionais de saúde, se tiverem um acesso inadequado a água limpa, sabão e luvas.

Cerca de mil milhões de pessoas são de alguma forma afetadas por doenças tropicais negligenciadas (DTN).²⁰ Na maioria dos casos, as DTN afetam as pessoas que já se encontram em situação de pobreza económica e dificultam os seus esforços de alcançar o sucesso na educação e no emprego. Muitas DTN conduzem à desfiguração e deficiência, aumentando os riscos de maior marginalização.

Há fortes ligações entre as DTN e a WASH. As pessoas podem, em geral, ser tratadas com sucesso com medicação, mas sem WASH esta solução é apenas de curto prazo, em virtude das possibilidades de reinfeção. Muitas das pessoas em risco de contrair DTN vivem em comunidades com reduzido poder ou voz política e, na medida em que as DTN tendem a ser altamente localizadas, em muitos casos as agências nacionais ou internacionais demonstram pouco interesse.



Ação

- 1. Verificar se os funcionários e os parceiros estão familiarizados com as definições correntes que a WaterAid utiliza para o género, a deficiência, as crianças, os jovens, os idosos e o estado de saúde e confirmar que as compreendem.**
- 2. Ler o Guia de Terminologia de Equidade e Inclusão da WaterAid, que oferece mais informações sobre a terminologia que a WaterAid prefere utilizar e por que motivo em relação às pessoas e grupos. Não hesite em partilhá-lo com os parceiros. Trata-se de um documento vivo que deve ser atualizado à medida que a nossa compreensão é ampliada.**

Disponível em washmatters.wateraid.org/equity-inclusion-terminology



Said com a filha ao colo, Atija, à porta de sua casa na aldeia de Lacua, Moçambique.



Tome medidas: ferramentas práticas e recursos

Esta secção reúne ferramentas práticas e recursos para utilizar no seu trabalho. Irá ajudá-lo a avaliar o seu atual progresso, reconhecer barreiras à inclusão no seu contexto e analisar as relações de poder que perpetuam as barreiras de atitude e institucionais.

As ferramentas são apresentadas de forma a coincidir aproximadamente com um ciclo do programa regular, desde o planeamento à avaliação, mas muitas podem ser utilizadas regularmente ou adaptadas para serem utilizadas em diferentes ocasiões. Os princípios subjacentes são geralmente os mesmos: que as ferramentas sejam utilizadas de uma forma participativa e que capacitem aqueles que experimentam a marginalização. À medida que as utilizar, irá descobrir os tipos de técnicas mais populares ou mais relevantes para o seu contexto. Mesmo que já tenha algumas ferramentas favoritas, vale a pena experimentar novas. Poderá vir a surpreender-se.



As ferramentas da Secção 3 concentram-se em quatro elementos:

- Ajudar as pessoas marginalizadas a compreenderem que a sua situação é o resultado de direitos não exercidos.
- Entender (ou reconhecer) a prestação de serviços acessíveis como uma obrigação.
- Compreender as barreiras de atitude, institucionais e ambientais que poderão estar a bloquear a mudança sustentável.
- Aumentar a sua confiança, competências e capacidade para combater a exclusão e a marginalização na WASH.

3.1 Ferramentas para a sensibilização e autoavaliação

Quando se trabalha na igualdade e inclusão na WASH, é importante começar por avaliar os níveis de conhecimento, confiança e competência dos funcionários e parceiros e reavaliá-los regularmente. Os funcionários entram e saem e as pessoas mudam de funções regularmente. E as pessoas esquecem-se! As ações regulares de consciencialização e sensibilização são fundamentais para o sucesso.

Sensibilização

Ação

Planeie algumas sessões de sensibilização a realizar com os funcionários (incluindo a gestão de topo) e os parceiros. Não se deixe levar pela tentação de ignorar esta etapa e passar diretamente ao planeamento. As suas intervenções serão mais eficazes se toda a gente envolvida na sua conceção tiver um sólido entendimento baseado em direitos das questões em causa.



Uma boa ideia é estabelecer uma parceria com uma organização local ou nacional dirigida por pessoas de uma determinada parte marginalizada da sociedade para ajudar a realizar as suas sessões. Por exemplo, se houver uma lacuna no entendimento ou nas competências no que se refere à igualdade de género, convide uma organização respeitada de direitos das mulheres para falar sobre o contexto nacional e local das mulheres e raparigas. De igual modo, uma sessão apresentada por representantes de uma organização nacional ou local de pessoas com deficiência pode contribuir para que toda a gente tenha a oportunidade de compreender melhor a situação das pessoas com deficiência e fazer perguntas sobre os desafios que poderão estar a enfrentar.



Ferramenta principal

O jogo da vida

Duração: 25–30 minutos

Secção 3

Retirado do Kit de ferramentas “Desempenhe o seu papel” da WaterAid²¹ (Sessão 2), que, por sua vez, se baseia em grande parte em *Travelling together – how to include disabled people on the main road of development*, de Coe S. e Wapling L. (2010), da World Vision. www.wvi.org/disability-inclusion/publication/travelling-together.³

O objetivo desta ferramenta consiste em ajudar os participantes a compreenderem ou recordarem de que forma a discriminação pode causar e manter a pobreza e de que forma tal resulta na negação dos direitos das pessoas. Também ajuda a demonstrar (visualmente) o privilégio de que algumas pessoas beneficiarão (simplesmente porque nasceram com um determinado género, corpo ou localização) em relação a outras da mesma localização/país/comunidade/família.

Informações-chave

- Concebido para ser utilizado com funcionários e parceiros para fomentar a sensibilização e o entendimento.
- Geralmente, é necessário um certo nível de confiança e honestidade no grupo para retirar o maior partido deste jogo. Pode ser uma experiência bastante sensível, pelo que deve agir de forma respeitosa.

Recursos

- Lista de declarações previamente elaborada.
- Espaço suficientemente amplo para que os participantes formem uma linha reta com a distância de um braço entre cada um e a pessoa à sua esquerda. Deve haver espaço em frente à linha para dar dez passos para a frente e atrás para dar dez passos para trás.

Instruções de organização

Prepare, explique a atividade e peça voluntários

Prepare a sala. Necessitará de espaço suficiente para que quatro pessoas fiquem de pé lado a lado, com os restantes participantes sentados em torno da sala, de frente para os voluntários. O ideal é criar um “corredor” a meio da sala, permitindo-lhe utilizar o comprimento total da sala para o exercício. Pode utilizar fita adesiva de cor para marcar uma linha indicando o lugar onde os voluntários ficarão posicionados.

Nota: é importante que as pessoas se ofereçam como voluntários para as suas funções. Em algumas circunstâncias, crenças religiosas ou tradicionais poderão impedir algumas pessoas de participar. Tenha atenção a esta situação e respeite-a. Em algumas culturas, até o simples facto de imaginar que se é deficiente pode ser visto como um “mau agoiro”.

Peça a participação de quatro voluntários do grupo (idealmente, dois homens e duas mulheres) dispostos a fazerem uma apresentação de 15 minutos representando os seguintes grupos:

- Homens sem deficiência
- Homens com deficiência
- Mulheres sem deficiência
- Mulheres com deficiência

Nota: pode adaptar este exercício para que as pessoas representem diferentes grupos marginalizados ou acrescentar mais pessoas (todo o público, atribuindo a cada pessoa uma identidade diferente). Outra opção seria pedir às pessoas que representam diferentes grupos para se juntarem ao exercício no final e decidir onde se posicionariam.

Saliente que não se trata de um exercício de simulação de papéis: cada voluntário representará um grupo de pessoas de uma aldeia ou de uma comunidade no seu próprio país. Muitas pessoas não gostam de exercícios de simulação de papéis, pelo que será útil tranquilizá-las a este respeito. Saliente também que se trata de uma generalização: não é necessário entrar em pormenores quanto aos diferentes tipos de deficiência, embora este aspeto possa ser debatido.

Jogar

Diga aos voluntários que irá ler declarações que representam diferentes etapas na vida ou experiências. Para cada declaração lida, devem pensar no grupo que representam e dar:

- Dois passos em frente para uma experiência muito positiva ou muito bem-sucedida
- Um passo em frente para uma experiência positiva ou bem-sucedida
- Um passo atrás para uma experiência não tão positiva ou não tão bem-sucedida
- Dois passos atrás para uma experiência negativa ou mal-sucedida

Assim que os seus voluntários compreendam aquilo que terão de fazer, volte a sublinhar que estão a representar um grupo de pessoas, pelo que devem responder em conformidade. A resposta deve basear-se naquilo que pensam que acontece atualmente numa comunidade pobre num país em desenvolvimento/no seu país e não naquilo que deveria acontecer.

Após cada etapa de vida e respostas dos voluntários, dê tempo aos outros para que reajam e comentem. Se houver desacordo, o grupo deve decidir por consenso e o voluntário poderá ser solicitado a alterar os seus passos. O papel do moderador consiste em determinar quando intervir para clarificar os motivos das decisões e para destacar e debater quaisquer preconceitos. Depois de os voluntários terem dado os seus passos, o moderador deve perguntar que diferença o acesso a água limpa e saneamento faria nessa etapa de vida.

Prepare o cenário para uma história de vida. Para destacar as ligações entre a marginalização e o acesso à WASH, pondere enquadrar a história numa aldeia típica. Descreva-a com o máximo de pormenores, explicando que a pobreza de rendimentos é, de uma maneira geral, bastante elevada e que somente algumas pessoas da aldeia têm um acesso fiável a água limpa e saneamento. Para os empreendedores, verificam-se oportunidades na cidade próxima, onde existem também instalações de saúde e de ensino.

Comece pelo primeiro evento de vida, como se estivesse a contar uma história. Peça comentários e sugestões ao resto do grupo.

Declaração 1

“Um belo dia, após uma longa espera de nove meses, o seu personagem nasce. Como se sente a sua família quando vê quem é o seu personagem? Dê os seus passos.”

Tenha em conta o que pode acontecer:

- A família está muito feliz (nasceu um filho sem deficiência) – dois passos em frente
- Feliz (filho com deficiência/filha sem deficiência) – um passo em frente
- Infeliz (filho com deficiência) – um passo atrás
- Muito infeliz (filha com deficiência) – dois passos atrás

Declaração 2

“Agora, já tem um pouco mais de idade e chegou a altura de começar a pensar na escola. Qual é a probabilidade de vir a frequentar a escola? Dê os seus passos.”

Declaração 3

“Agora, tem 20 anos. Gostaria de casar-se ou de ter um relacionamento. Até que ponto considera que isto seria possível para si? Dê os seus passos.”

Declaração 4

“Gosta de manter-se ocupado e quer ganhar algum dinheiro para a sua família. Tenta arranjar emprego. Até que ponto será fácil para si encontrar emprego? Dê os seus passos.”

Declaração 5

“Passam-se alguns anos. Toda a gente que pertence à sua faixa etária está a ter filhos. Até que ponto esta é uma possibilidade para si? Dê os seus passos.”

Nota: verifique se a mulher com deficiência dá dois passos para trás ou se o grupo lhe diz para o fazer. Por que motivo isto acontece? Os participantes podem dizer que é porque a maioria das mulheres com deficiência não estão fisicamente aptas a ter filhos, um mito comum.

Dar dois passos para trás pode ser uma resposta correta por um motivo diferente: as mulheres com deficiência geralmente não têm filhos porque a sociedade pensa que elas não podem ou não devem. Ou podem dar dois passos para trás porque têm filhos como resultado de uma violação ou abuso sexual, o que é também uma experiência comum para mulheres com deficiência em algumas comunidades.

Declaração 6

“Agora, está na faixa dos 40. Já tem muita experiência de vida. Quer ajudar a sua comunidade envolvendo-se na política local. Até que ponto é provável que alcance este objetivo?”

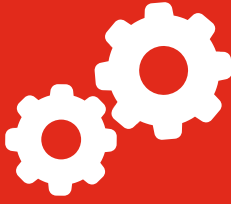
Modere um debate

- Quem está na melhor posição agora? Quem está na pior posição?
- Voluntários, de que forma se sentem a este respeito?
- O que nos diz isto sobre a extensão pela qual os grupos marginalizados e discriminados têm mais probabilidades de serem pobres e menos probabilidades de terem acesso a serviços básicos como a WASH?
- Que grupos (incluindo, entre outros, as pessoas com deficiência) na sua sociedade têm mais probabilidades de serem marginalizados? Enumere-os.
- Trabalha com estes grupos? Sabemos quais são as suas experiências no que respeita à WASH?

Recapitulação

- As pessoas que começam com uma desvantagem geralmente acabam com menos influência, menos oportunidades e maior pobreza e são excluídas dos serviços básicos.
- Em todas as sociedades, há grupos de pessoas com maiores probabilidades de serem marginalizadas e excluídas.

Secção 3



Ferramenta de bónus: Desempenhe o seu papel

Disponível em: washmatters.wateraid.org/publications/equity-and-inclusion-play-your-part-awareness-raising-training-guide²¹

Esta é uma sessão interativa de sensibilização com a duração de um dia que visa criar um entendimento comum da igualdade, não discriminação e inclusão na WASH. Proporciona uma boa panorâmica da importância de uma abordagem baseada em direitos e de como se pode começar.



Ferramenta de bónus: Viajar em conjunto

Disponível em: www.wvi.org/disability-inclusion/publication/travelling-together³

Trata-se de uma sessão interativa de sensibilização com a duração de um dia que visa dotar os funcionários do programa do entendimento e da confiança necessários para trabalharem eficazmente com pessoas com deficiência. Promove um entendimento baseado em direitos da deficiência e proporciona orientação sobre o planeamento e a conceção de programas de desenvolvimento mais inclusivos.

Avalie em que ponto está

Ação

A lista de verificação de equidade, não discriminação e inclusão na WASH (no verso) é útil para avaliar até que ponto o seu trabalho está a abordar a igualdade, a não discriminação e a inclusão ao longo do ciclo do programa. Constitui uma referência rápida para o ajudar a determinar o que necessita de incluir em todas as fases do programa ou ciclo do projeto e analisar até que ponto os programas ou o trabalho de mobilização que organiza ou propõe ajudam a promover a igualdade, a não discriminação e a inclusão.

Leia a *Lista de verificação de equidade, não discriminação e inclusão na WASH* e familiarize-se com todos os pontos em que a equidade, a não discriminação e a inclusão têm de ser analisadas ao longo do ciclo do programa.



Shana Dixon
constrói um
contentor de recolha
de água da chuva
em Wawa Bar,
Nicaragua.



WaterAid/Eduardo Rodriguez



Ferramenta principal

Lista de verificação de equidade, não discriminação e inclusão na WASH

Adaptado de: WaterAid e WEDC (2013).²²

1. A análise da situação identifica as barreiras ambientais, de atitude e institucionais que os diferentes grupos marginalizados enfrentam em relação à WASH.
2. A base de referência inclui dados populacionais desagregados por género, idade, deficiência e estado de saúde e perguntas de inquérito sobre higiene menstrual, acessibilidade das instalações para pessoas com deficiência e atitudes tradicionais sobre género, deficiência e idade em relação à WASH. Os inquéritos compilam as opiniões de mulheres, crianças, idosos, pessoas com deficiência, pessoas que vivem com doenças crónicas, bem como as suas famílias, e quaisquer grupos que vivam na área cujas necessidades tenham probabilidades de ser negligenciadas (por exemplo, pessoas de casta inferior, pastores, trabalhadores migrantes, pessoas deslocadas, trabalhadores do sexo e prisioneiros).
3. A mobilização da comunidade recorre a abordagens participativas que permitem que diferentes pessoas participem ativamente, incluindo as que detêm menos poder. As horas e os locais das reuniões são convenientes. Há conversações separadas com mulheres e crianças quando necessário e as pessoas com deficiência ou idosas são visitadas em casa, se necessário. Os responsáveis pelas iniciativas de mobilização utilizam técnicas de moderação capacitativas.
4. As informações sobre saneamento e higiene incluem factos sobre higiene menstrual, deficiência e doenças transmissíveis. Reforçam a necessidade de fornecer acesso a todos e desafiam crenças falsas que resultam na discriminação de pessoas com deficiência ou idosas, pessoas que vivem com doenças crónicas e, quando aplicável, pessoas de diferentes castas ou religiões.
5. As informações são fornecidas nas línguas locais e em formatos acessíveis com imagens para as pessoas que não sabem ler ou que não conseguem ouvir e oralmente ou em formato áudio para as pessoas que não conseguem ver. Toda a gente tem acesso às informações relevantes. As mulheres e raparigas têm informações sobre gestão da higiene menstrual.

6. As informações sobre opções de tecnologia para retretes domésticas incluem imagens (desenhos ou fotografias) de projetos acessíveis, com funcionalidades para gestão da higiene menstrual.
7. As instalações de WASH garantem a privacidade para que mulheres e raparigas possam lavar-se a si próprias, roupas manchadas e quaisquer tecidos utilizados para gestão da higiene menstrual e são acessíveis para as pessoas com deficiência.
8. As instalações de WASH e área circundante foram situadas e projetadas levando em conta a acessibilidade, segurança e dignidade dos utilizadores, em especial tendo em conta as necessidades das mulheres e raparigas ao longo do ciclo de vida.
9. As fontes de água públicas estão localizadas e instaladas de uma forma que as torna acessíveis e o mais fáceis de utilizar possível por todos os utilizadores, incluindo crianças e pessoas idosas ou com deficiência.
10. As latrinas públicas ou institucionais (nos mercados, escolas ou centros de saúde, por exemplo) oferecem instalações separadas para homens e mulheres, com cubículos acessíveis, e água disponível nos cubículos para mulheres para fins de gestão da higiene menstrual.
11. Há equipamentos destinados à eliminação de pensos higiénicos e tampões, quando utilizados.
12. Os comités de utilizadores incluem mulheres e membros de outros grupos marginalizados e a admissão de membros é facilitada a fim de garantir uma participação significativa.
13. As taxas incluem opções para as pessoas mais pobres e as que não têm capacidade para pagar.
14. São estabelecidas ligações com agências relevantes (por exemplo, nas áreas da saúde, reabilitação, proteção, violência com base no género) para abordar questões ou necessidades que ultrapassam o âmbito do setor de WASH.
15. Os indicadores de monitorização e avaliação refletem os objetivos relativos a:
 - Instalações com um nível especificado de acessibilidade.
 - Número reduzido das pessoas mais marginalizadas sem acesso às instalações e sua utilização.
 - Maior participação dos membros das comunidades marginalizadas, não somente como beneficiários, mas também em funções ativas com responsabilidades e remuneração, quando possível.

Lembre-se: para ser equitativo, o trabalho da WASH deve responder ao contexto local.



Faça o levantamento das suas redes

Ação

Elabore uma lista de todas as organizações da sociedade civil e plataformas de direitos com as quais colabora que promovam a voz coletiva das pessoas nestes grupos marginalizados (que são dirigidos por e para as pessoas que representam). Caso encontre alguma lacuna nas suas ligações com grupos representativos, faça uma pesquisa para descobrir se existe algum grupo que possa contactar.

Pouk Kann's construiu a sua própria latrina e a DDSP, parceira da WaterAid, tornou-a mais acessível acrescentando uma rampa e barras de apoio. Kohsvay, Camboja.

Leia a *Lista de verificação de equidade, não discriminação e inclusão na WASH* e familiarize-se com todos os pontos em que a equidade, a não discriminação e a inclusão têm de ser analisadas ao longo do ciclo do programa.



Ferramenta de bônus: Análise das partes interessadas

Disponível em: www.miseast.org/files/publications/Towards%20Inclusion%20-%20A%20guide%20for%20organisations%20%26%20practitioners.pdf ²³

A ferramenta 5 de *Rumo à inclusão: Um guia para organizações e profissionais* é muito útil para fazer o levantamento das suas atuais partes interessadas e avaliar o papel que desempenham, em especial no que se refere a ajudá-lo a alcançar a WASH inclusiva. Também o incentiva a refletir sobre qual a etapa em que cada parte interessada deve ser envolvida e para que ações e colaborações específicas ela é necessária. O exemplo fornecido na Ferramenta 5 ajuda a refletir sobre o papel específico das Organizações de Pessoas com Deficiência e das Organizações de Mulheres no seu trabalho na WASH.



Secção 3

Ferramenta de bônus: Quadro de ação

Disponível em: www.miseast.org/files/publications/Towards%20Inclusion%20-%20A%20guide%20for%20organisations%20%26%20practitioners.pdf ²³

A ferramenta 2 de *Rumo à inclusão: Um guia para organizações e profissionais* é útil para ajudar a avaliar a situação atual do seu programa, projetos, programa do país ou organização e as formas pelas quais envolve presentemente grupos marginalizados ou excluídos.



3.2 Fases de planeamento – ferramentas para utilizar em bases de referência e análises situacionais

Analisar as barreiras

Lembra-se do Diagrama 2 da Secção 1 que ilustrava a igualdade? Se a igualdade era alcançada através de algumas boas intervenções (equidade), na realidade a principal fonte de desigualdade era o muro. Se não houvesse nenhum muro, haveria menos necessidade dessas atividades direcionadas.

Através da abordagem baseada em direitos, ao invés de nos centrarmos nas necessidades individuais, analisamos o que dificulta a participação de algumas pessoas – as barreiras à participação – e depois tentamos elaborar atividades que reduzam ou eliminem essas barreiras.

Identificar barreiras pode parecer um processo complexo, mas na verdade existem apenas três principais categorias a reter, que serão analisadas em breve. No entanto, o que é importante é que, para avaliar as barreiras, é necessário trabalhar de perto com as pessoas marginalizadas ou em risco de virem a sê-lo. Esta é uma parte extremamente importante do processo. Irá levá-lo a procurar formas de garantir que envolve ativamente pessoas marginalizadas e proporcionará às pessoas tradicionalmente excluídas uma oportunidade de exprimirem os desafios que enfrentam.

Este é um exemplo de quando o próprio processo pode ser tão importante como os resultados. Para algumas pessoas, esta pode ser a primeira vez que já pensaram que os motivos pelos quais são excluídas têm muito mais a ver com a forma como as comunidades e as instituições estão constituídas e as tratam do que com a sua própria situação pessoal. É o momento em que as pessoas se dão conta que não é por terem uma deficiência ou uma doença que não podem participar em debates sobre a construção de um novo ponto de água, mas devido a barreiras específicas que lhes são impostas, como resultado das atitudes de outras pessoas ou dos locais das reuniões, por exemplo.

Esta é uma parte fundamental do **processo de capacitação**: quando as pessoas se apercebem de que são as barreiras que lhes são impostas que as impedem de participar e que têm o direito de participar no desenvolvimento e de beneficiar do mesmo de forma igual.

Diagrama 8: Categorias de barreiras

Há três principais categorias de barreira: ambiental, institucional e de atitude.

As barreiras ambientais

As barreiras ambientais existem nas paisagens naturais ou construídas, na forma como as coisas são construídas e na forma como a informação é distribuída.

Exemplos:

- Degraus construídos em torno de um ponto de água, dificultando o acesso às pessoas com mobilidade reduzida.
- Latrinas construídas num local isolado, provocando nalgumas pessoas a sensação de que não é seguro utilizá-las.
- Mensagens de higiene comunicadas por um programa de rádio a que algumas pessoas não acedem.

As barreiras institucionais

As barreiras institucionais são criadas por leis, políticas, tradições e práticas culturais e também políticas empresariais.

Exemplos:

- Especificações de projeto para as latrinas escolares que negligenciam a inclusão de instalações para gerir a menstruação ou a eliminação segura de produtos sanitários para raparigas menstruadas.
- Ausência de normas na conceção de pontos de água públicos acessíveis.
- Ausência de informação sobre retretes acessíveis para as famílias.

As barreiras de atitude

As barreiras de atitude constituem o resultado de normas sociais, crenças culturais, preconceito, comportamentos e língua.

Exemplos:

- Pessoas conhecidas por viverem com o VIH e a SIDA impedidas de aceder a pontos de água pelo receio de que outras pessoas que utilizam a torneira possam ser infetadas.
- Pessoas com deficiência deliberadamente não incluídas em reuniões comunitárias devido ao pressuposto de que não terão qualquer contributo a dar.
- Pressupostos de que as mulheres não possuem conhecimentos técnicos, pelo que não devem ser consultadas sobre a conceção de serviços de água.
- A crença de que a menstruação é impura ou suja e que exige que as mulheres ou raparigas que estão menstruadas vivam, se lavem e/ou comam separadamente.

Adaptado de Coe S. e Wapling L. (2010) ³

Secção 3

É importante considerar o total das três categorias em qualquer exercício de análise das barreiras. Geralmente, o destaque é dado às barreiras ambientais, já que, em muitos aspetos, são as mais fáceis de identificar: são práticas e afetam diretamente as pessoas. Devido a crenças culturais fortemente enraizadas ou a tradições familiares, as pessoas poderão não identificar automaticamente as barreiras de atitude como barreiras, assumindo simplesmente que é assim que as coisas têm de ser. Poderá ter de falar sobre estes tipos de crenças e normas percecionadas com as comunidades de forma sensível antes que comecem a identificá-las como barreiras.

As barreiras institucionais podem ser das mais difíceis para as pessoas identificarem inicialmente porque podem desconhecer que as leis, políticas ou práticas são discriminatórias. Muito frequentemente, antes que estas barreiras possam ser identificadas, as pessoas têm primeiro de ter a oportunidade de conhecer os direitos e como as políticas e práticas discriminatórias podem excluí-las. De igual modo, quando existem leis positivas em vigor para proteger os seus direitos, as pessoas poderão necessitar de ficar a conhecê-las primeiro para poderem exercer pressão com vista à sua plena implementação.

A análise das barreiras pode ser uma ferramenta poderosa no início do planeamento para a igualdade, a não discriminação e a inclusão nos programas. Os debates irão não somente identificar obstáculos práticos (barreiras ambientais), mas também fornecer uma boa base para a conceção de atividades de sensibilização (para abordar barreiras de atitude) e destacar alvos para as campanhas de mobilização (para abordar as barreiras institucionais).

Membros da comunidade do Camboja participam numa análise sazonal durante uma iniciativa participativa de avaliação e levantamento social da aldeia.





Ferramenta principal

Análise de barreiras

Duração: mín. 2 horas a meio dia, dependendo do número de “grupos” em que se concentra

Secção 3

O objetivo desta ferramenta consiste em destacar as barreiras que impedem as pessoas marginalizadas de aceder à água, saneamento e higiene em condições de igualdade com as outras. Através da compreensão e reconhecimento destas barreiras, podemos dar os primeiros passos para rompê-las. A concentração nas barreiras e não na deficiência de uma pessoa em isolado está em linha com o modelo social de deficiência explicado na página 31.

Nota: a WaterAid centra-se em analisar barreiras porque nos ajuda a compreender que medidas podemos tomar para contribuir para alcançar uma melhor inclusão da deficiência no nosso trabalho. Enquanto organização WASH, podemos ajudar a reduzir e abordar barreiras ambientais, institucionais e de atitude à WASH para pessoas com deficiência. No entanto, não nos devemos esquecer que as características específicas da deficiência de uma pessoa afetam as suas experiências quotidianas de WASH. Por exemplo, a incontinência, a dor e a incapacidade de comunicar as necessidades de WASH são também barreiras significativas ao acesso à WASH.²⁴ Compreender a forma de dar resposta a este tipo de necessidades individuais, bem como abordar as barreiras sociais, constitui um dos principais desafios para o setor de WASH. É neste aspeto que parcerias mais fortes e um trabalho integrado com as organizações de pessoas com deficiência podem revelar-se preciosos.

Informações-chave

As análises de barreiras:

- São concebidas para serem utilizadas pelos funcionários do programa para analisar o contexto durante a fase de planeamento. Podem também ser utilizadas se sentir que o progresso não está a acontecer conforme previsto (especialmente para alguns membros da comunidade) e suspeitar que tal pode estar ligado a fatores ainda ocultos.
- Proporcionam os melhores resultados se conduzidas sob a forma de grupos de reflexão compostos por diferentes membros da comunidade (4-16 pessoas por sessão). Contudo, podem também ser levadas a cabo por funcionários do programa e de iniciativas de sensibilização (ver Variação, página 62).

- Certifique-se de que as suas reuniões são acessíveis para o tipo de pessoas que quer que participem. Leve em conta as necessidades de acesso de toda a gente (desde o local, o horário e os materiais da reunião até à comunicação, apoio adicional e atitudes).

Necessitará de

- Pelo menos dois moderadores (um para liderar os debates e outro para tomar notas e encorajar a participação)
- Cartões A5 para o debate de grupo
- Marcadores para o debate de grupo
- Quadros de conferências previamente preparados divididos em barreiras, conforme ilustrado
- Materiais acessíveis (gravador de áudio/vídeo)

Sugestão

Antes de começar, certifique-se de que está familiarizado com as definições utilizadas para descrever a marginalização e que está apto a lidar de forma sensível com este tipo de investigação. Em especial, certifique-se de que está familiarizado com a abordagem ao desenvolvimento baseada em direitos humanos.

Antecedentes

Antes de iniciar o exercício, familiarize-se com as três principais categorias de barreiras que irão constituir a base da análise: ambientais, institucionais e de atitude (descritas em pormenor na página 57 deste kit de ferramentas).

Método

1. Explique ao grupo que este exercício irá exigir a análise das barreiras à WASH experienciadas por pessoas marginalizadas como resultado de fatores universais, incluindo género, idade, deficiência e estado de saúde.
2. Crie grupos de 4-6 pessoas

Dependendo da forma como conduzir esta análise, estes grupos podem ser inteiramente constituídos por pessoas que sofrem de marginalização (por exemplo, pessoas com deficiência, crianças e jovens ou idosos) ou pode conduzi-la como um exercício inclusivo sem seleção específica de participantes. Neste último

caso, terá de assegurar que as opiniões específicas das diferentes pessoas marginalizadas são abordadas na análise (o que pode exigir que conduza os debates mais de perto) e registadas em estruturas de análise separadas.

3. Dê a cada grupo uma folha grande de papel (ou quadros de conferência) dividida em duas colunas de acordo com a estrutura de análise de grupo na página 63.
4. Peça ao grupo que analise uma barreira de cada vez e que partilhe experiências de pessoas que enfrentaram problemas no acesso à água, ao saneamento e à higiene.

Nota: podem ser acrescentados outros fatores (por exemplo, casta, etnia ou identidade religiosa), mas estes serão específicos ao contexto e não serão referenciados nesta ferramenta; contudo, o processo é o mesmo.

Se o grupo não estiver familiarizado com este tipo de debate, poderá ter de ajudá-lo fornecendo alguns exemplos. Pode criar alguns estudos de caso utilizando os exemplos das páginas 29-41. Poderá encontrar mais na publicação da WaterAid *Desempenhe o seu papel: washmatters.wateraid.org/publications/equity-and-inclusion-play-your-part-awareness-raising-training-guide*.²¹

5. Assim que o grupo tenha acabado de debater as barreiras, peça aos seus membros que reflitam sobre o tipo de soluções que recomendariam.
6. Peça ao grupo para registar o seu debate no papel fornecido, indicando a barreira identificada. Certifique-se de que o marcador da marginalização está claramente identificado no papel, para ter noção do tipo de fator que está a ser analisado.

Alguns grupos poderão exigir o seu apoio para garantir que o debate é documentado (por exemplo, quando as pessoas não se sentem à vontade para escrever ou não sabem escrever). Se apropriado, poderá ponderar deixar o grupo gravar as suas respostas num gravador de áudio ou de vídeo (por exemplo, utilizando um smartphone). Certifique-se apenas de que as gravações realizadas são curtas e que estão claramente relacionadas com cada uma das barreiras.

7. Assim que o debate tenha chegado a uma conclusão, agradeça a todos pela participação e explique as próximas fases do seu processo de planeamento.

Debate e acompanhamento

Os resultados devem ser analisados e compilados para indicar que barreiras a intervenção pretende desafiar. Lembre-se de que pode haver barreiras que a intervenção não pode abordar na presente ocasião, o que deve também ser reconhecido nos planos do programa e nas comunicações com a comunidade. Ter noção da existência continuada das barreiras pode ajudar no planeamento a longo prazo, especialmente no que se refere à atividade de sensibilização.

É muito importante, depois de ter moderado uma análise como esta, manter as comunidades envolvidas no processo. Pode utilizar as soluções sugeridas pelos grupos como base para a elaboração de intervenções mais inclusivas e para campanhas de mobilização; no entanto, as próprias comunidades podem utilizar estas informações no seu próprio planeamento, pelo que é importante que partilhe os resultados e apoie debates posteriores ou que trabalhe na superação das barreiras o máximo que puder.

Variação

Esta ferramenta foi concebida para ser utilizada de forma participativa, com membros da comunidade que tradicionalmente terão sido excluídos dos debates. Orientar a atenção para as barreiras ajuda a impedir que os debates se tornem demasiado centrados nas necessidades individuais e desencadeia o processo de revelar algumas das relações de poder que conduzem à exclusão. Contudo, se o programa for novo para este tipo de abordagem e ainda não estiver totalmente familiarizado com pessoas que experimentam a exclusão, pode ser utilizado pelos funcionários do programa para gerar debates sobre as barreiras que sentem que existem, com base nas suas próprias observações e experiências.

Se alguma das barreiras parecer difícil de analisar ou parecer que existem lacunas significativas na experiência, encoraje os funcionários do programa a estabelecerem contacto com grupos que representam pessoas marginalizadas para falarem sobre os resultados. Os funcionários do programa poderão também utilizar os seus resultados iniciais para formularem perguntas para grupos de reflexão, para utilizar nos grupos comunitários a fim de gerar informações mais diretas.

Estrutura de análise de grupo

Marcador de marginalização	Data
Barreira identificada	Possíveis soluções
Ambiental	
Institucional	
Atitude	



Mulheres fazem sabão na aldeia de Samabogo, Mali.

Ferramenta principal

Elementos básicos de uma análise de género

Adaptado de March C, Smyth I, Mukhopadhyay M (1999).²⁵



Secção 3

Antecedentes

Todos os programas de WASH terão resultados baseados no género e um impacto nas relações de poder, quer intencionais, quer não. Aquilo que fazemos e como o fazemos irá reforçar, neutralizar ou ajudar a transformar a questão de género e as relações de poder dentro e fora da WASH.⁶ É importante lembrar que todos os programas de WASH exercem impacto no poder e que isto pode ter, e tem, consequências não intencionais, algumas das quais podem ser negativas.

O objetivo de realizar uma análise de género consiste em:

- Compreender de que forma uma determinada situação afeta as mulheres e os homens de forma diferente.
- Compreender de que forma o programa ou as ações políticas irão afetar as mulheres e os homens de forma diferente.
- Garantir que as mulheres podem participar de forma significativa em todos os aspetos do programa ou do projeto, incluindo no processo de tomada de decisões e no acesso aos recursos que o programa proporciona e conforme o tempo que tenham disponível.
- Tornar o programa capacitativo para as mulheres.
- Evitar reforçar normas de género que retiram capacidade às mulheres.
- Dar visibilidade e mitigar potenciais riscos para as mulheres e raparigas (resistência, violência) decorrentes das intervenções.
- Demonstrar a dinâmica de poder baseada no género.

Uma análise de género irá ajudar a levar em consideração:

- as funções de género (as diferentes atividades das mulheres, dos homens, das raparigas e dos rapazes)
- as relações de género (entre pessoas, no interior de famílias e entre grupos de pessoas e instituições ou detentores de poder)

e:

- de que forma exercem impacto nas vidas das pessoas
- de que forma afetam os padrões de acesso e controlo de ativos e recursos (como terra, rendimentos e informação, bem como ativos intangíveis, como o “estatuto social”)
- de que forma se relacionam com a WASH

Ao compreender melhor as desigualdades baseadas no género e observar a forma que assumem na prática em diferentes contextos, estará em melhor posição para elaborar programas e um trabalho político que combata estas desigualdades na WASH e através dela.

Método

A sua análise de género é uma tentativa de formular um “mapa baseado no género” das questões sociais e das relações com impacto ou relacionadas com a área de WASH do seu interesse. É muito semelhante a uma análise de barreiras e pode ser substituída por uma boa análise de barreiras “centrada no género”. No entanto, realizar uma análise de género utilizando as perguntas-chave abaixo ou qualquer outra ferramenta de análise de género poderá oferecer-lhe uma maior profundidade e provas sobre a forma como o trabalho da WASH afeta mulheres e homens e raparigas e rapazes de forma diferente.

Perguntas a fazer

Uma análise de género pode ser um processo de fazer e responder a uma série de perguntas relacionadas com a área de WASH em que planeia trabalhar e desagregar as respostas por sexo. Pode fazê-lo num ambiente de workshop, trabalhando com os seus parceiros e/ou representantes da comunidade para explorar cada pergunta pormenorizadamente. Pode optar por concentrar-se em algumas perguntas ou elaborar perguntas mais específicas. O objetivo geral reside em explorar qualquer pergunta relacionada com o contexto e os planos do ponto de vista de como a situação pode ser diferente para as mulheres, os homens, as raparigas e os rapazes devido ao seu género.

1. Análise contextual de género

Estas perguntas podem incluir (entre outras):

- Quem desempenha atualmente que atividades e a que níveis – familiar, comunitário ou subnacional/nacional?

Pense em quem realiza as atividades produtivas (habitualmente percecionadas como atividades que geram um rendimento ou benefício tangível), reprodutivas (geralmente associadas ao trabalho doméstico, criar os filhos, cozinhar, etc.) ou comunitárias.
- Quem detém, controla e gere atualmente que recursos?

Considere aspetos como os recursos económicos (por exemplo, o rendimento familiar), os recursos produtivos (por exemplo, terra, equipamentos, ferramentas, trabalho, crédito), os recursos políticos (capacidade de liderança, informação e organização) e o tempo.
- Quem utiliza os recursos de WASH e como?
- Quem detém o derradeiro controlo ou toma decisões sobre recursos específicos relacionados com a WASH aos diferentes níveis (na família, na comunidade, aos níveis local e nacional)?
- Que principais fatores (cultura, religião, política, etc.) têm influência e podem ser responsáveis pela manutenção da diferenciação de género relativamente a uma área específica da WASH?
- Se a idade, a classe, a religião, a deficiência e a orientação sexual afetam o acesso, participação ou estatuto de uma mulher na comunidade e especificamente no que se refere à WASH?

2. Análise de género do programa ou projeto

Acesso:

- O acesso desigual aos recursos e serviços do projeto irá impedir que o projeto alcance os seus objetivos? Em caso afirmativo, como?

Conhecimentos, crenças e perceções:

- Existem crenças relacionadas com o género que irão obstruir os resultados do projeto? Quais são elas?
- Existem conhecimentos ou experiências relacionados com o género que são importantes para alcançar os objetivos do projeto? (Por exemplo, os conhecimentos específicos das mulheres sobre determinadas questões podem ajudar o projeto?)

Práticas e participação:

- Quem tem probabilidades de beneficiar do projeto/programa e de que forma?
- Quem pode ser ignorado pelo projeto/programa e porquê?
- Existem funções de liderança que possam ajudar a conseguir uma participação mais vasta no projeto?

Espaço e tempo:

- Existem funções relacionadas com o género que irão impedir que algumas pessoas participem nas atividades do programa?
- O tempo que as atividades demoram a realizar torna-as igualmente acessíveis a mulheres e homens?

Qualquer programa e atividade de trabalho é diferente, pelo que o objeto da sua análise de género irá variar em função do que necessita para compreender a dinâmica baseada no género de um determinado aspeto da WASH. É melhor optar por ser específico: selecione algumas áreas relevantes para analisar em profundidade. Não tem de fazer tudo.

Onde encontrar as respostas

Analise os dados existentes e as informações disponibilizadas pelos setores da WASH e do desenvolvimento de um país específico. Complemente-os com dados e informações específicos do local. Caso ainda não disponha, utilize o envolvimento existente com as comunidades e as pessoas com que trabalha para recolher dados locais.

Pondere utilizar os seguintes métodos para informar a sua análise de género:

- Utilize dados desagregados por género existentes e relevantes (por exemplo, IDS, recenseamento).
- Duas ferramentas úteis para enformar uma análise de género (e para incluir no seu programa) estão contidas em *A manual for facilitating dialogue between women and men in communities: exploring the gender aspects of community water, sanitation and hygiene* (2016) da WaterAid Timor-Leste.²⁶ Podem ajudar a revelar funções de género e o processo de tomada de decisões.
 - Exercício de atividades diárias de mulheres e homens (2 horas)
 - Módulo 1, Atividade 1.1, página 15 (Também na página 93 deste kit de ferramentas).
 - Quem faz, quem decide – atividade de classificação de cartões (aproximadamente 2 horas) – Módulo 1, Atividade 1.2, página 19.

- Colabore com organizações, redes e/ou grupos de mulheres ativos na área do programa (ou país) que possam ser envolvidos na compreensão do contexto e normas relacionados com o género.
- Pesquise questões relacionadas com o género de âmbito mais vasto e problemas predominantes nesta localidade ou local(ais) do programa, conforme identificado pela literatura ou estudos existentes e reflita sobre como se relacionam com a WASH.
- Utilize oportunidades que possam já existir para levar a cabo debates de grupos de reflexão separados por sexo com homens e mulheres (por exemplo, com funcionárias de limpeza de casas de banho, engenheiras hidráulicas, mulheres pertencentes a comités de utilizadores de água locais). É útil adicionar algumas perguntas extra a planos existentes de debates de grupos de reflexão e reuniões.
- Utilize programas e trabalhos existentes para recolher provas sobre os aspetos baseados no género da WASH.
- Utilize estudos relevantes de outras organizações (por exemplo, estudos sobre violência, estratégias governamentais).

Quando fazê-lo

Pode conduzir uma análise de género ao nível do programa/projeto individual e ao nível macro; por exemplo, enquanto parte da estratégia do país. A melhor forma de incluí-la desde o início consiste em redigi-la na nota concetual, incluindo questões que apoiem a análise de género na sua base de referência. A sua análise de género contribuirá para as suas análises do contexto e/ou das barreiras. Se um projeto já estiver em curso, uma análise de género pode ser um processo de monitorização útil para avaliar de que forma as atividades correntes do projeto estão a afetar mulheres e homens de forma diferente.

Como utilizar a sua análise

As informações e o entendimento recolhidos através de um processo de análise de género devem enformar os objetivos do programa e a estratégia e planos de implementação. Ao levá-los em conta, os responsáveis pelo planeamento da política e do programa podem identificar as necessidades diferentes (ou até comuns) de mulheres e homens e depois planear o trabalho em conformidade.²⁶

Lembre-se: uma análise de género contribuirá para que tome consciência da desigualdade das mulheres no acesso, relações e tomada de decisões na WASH e ajudá-lo-á a planear melhor o trabalho que pode ser efetuado para combatê-la. No entanto, uma análise de género por si só não alcançará a mudança. Depois, continua a ser necessário realizar o trabalho.

Analisar as relações de poder

As barreiras, tal como vimos, estão muito ligadas às relações de poder. Uma abordagem baseada em direitos humanos implica observar mais de perto as relações de poder existentes no processo de desenvolvimento. É improvável que uma mudança positiva e sustentável aconteça se os titulares de direitos se mantiverem sem poder, se os detentores de obrigações (como prestadores de serviços e autoridades públicas) permanecerem por responsabilizar e se as leis e políticas continuarem a ser discriminatórias. Por isso, temos de compreender as relações de poder entre os titulares de direitos e os detentores de obrigações num país, comunidade e família, para compreender por que motivo algumas pessoas experimentam a marginalização, e trabalhar para melhorar a responsabilização e a capacidade de resposta.

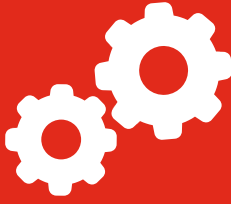
Analisar as relações de poder pode ser uma tarefa complexa, mas uma abordagem baseada em direitos humanos implica tanto compreender a capacidade de reivindicar direitos (inclusão) como saber de que forma os direitos são obstruídos (exclusão). Qualquer programa que procure capacitar e melhorar a participação das pessoas marginalizadas tem de realizar uma análise do poder em algum nível.

O quadro abaixo ilustra quatro tipos de poder que exercem impacto na marginalização. As pessoas com um bom nível de atuação (poder para), autoconfiantes e conscientes dos seus direitos (poder interior) e com bons níveis de capital social (poder com) serão eficazes no envolvimento com quem está no poder (poder sobre). Por outro lado, uma ausência de atuação, autorrepresentação e capital social perpetua a invisibilidade, permitindo que quem está no poder permaneça por responsabilizar e sem responder às necessidades dos que não têm possibilidade de se envolver.

No que se refere à preparação e planeamento da igualdade, da não discriminação e da inclusão em programas de WASH, há que considerar cada um destes tipos de poder. Quando começar a identificar as questões que as pessoas marginalizadas enfrentam devido ao seu género, idade, deficiência e/ou estado de saúde, certifique-se de que procura informações sobre como os diferentes tipos de poder exercem impacto nas pessoas e inclua ações que ajudem a compensar quaisquer situações negativas.

Assim que tiver adquirido uma sólida compreensão das relações de poder, será útil considerar que mudança de poder gostaria de apoiar. Debata e estabeleça marcos (ou indicadores) com as pessoas que apoia para acompanhar a mudança nas relações de poder. Certifique-se sempre de que integra muitas oportunidades de rever o processo caso necessite de ajustar atividades à medida que as relações mudam.

Tipos de poder	Terminologia baseada em direitos (principais ideias baseadas em direitos)	O que acontece quando isto está em falta?
PODER PARA: poder que advém da capacidade de uma pessoa atuar, em conjunto com o seu acesso a recursos e serviços	Atuação	Acesso desigual ao processo de tomada de decisões; poucos recursos ou ativos; acesso limitado a serviços; incapacidade de efetuar escolhas relativas à própria vida e ações
PODER INTERIOR: poder que advém do facto de ter a autoconfiança, as crenças e o conhecimento para atuar	Autorrepresentação	Crenças próprias negativas, induzidas por superstições ou normas culturais; fraca autoestima e baixa autoconfiança; pouco conhecimento ou consciência dos direitos
PODER COM: poder que advém da associação com outros para alcançar um objetivo partilhado	Capital social	Isolamento; pouca experiência na tomada de ações coletivas; poucos aliados ou apoiantes
PODER SOBRE: poder que as pessoas têm em relação às instituições	Envolvimento	Instituições não responsabilizadas e sem capacidade de resposta; ausência de espaço para influenciar decisões; políticas mal concebidas e implementadas; perpetuação da exclusão social e negação de direitos



Ferramenta de bónus: Ferramentas de análise de poder para a governação da WASH

WaterAid e Freshwater Action Network (2016).²⁶

Disponível em: washmatters.wateraid.org/publications/exploring-gender-aspects-of-community-water-sanitation-and-hygiene-in-timor-leste

Concebida para ser utilizada no início de qualquer intervenção que vise defender os direitos à WASH, esta coleção de ferramentas de fácil utilização irá ajudar a determinar com quem deve trabalhar e que mudanças pretende apoiar.

Inclui mais conteúdos sobre as diferentes formas de poder e descreve três etapas para analisar as relações de poder:

1. enumerar as partes interessadas
2. fazer o levantamento das partes interessadas
3. catalogar as partes interessadas



Ferramenta de bónus: Explorar aspetos da questão de género da água, saneamento e higiene comunitários

WaterAid e Freshwater Action Network (2016).²⁶

Disponível em: washmatters.wateraid.org/publications/exploring-gender-aspects-of-community-water-sanitation-and-hygiene-in-timor-leste

Este recurso contém cinco módulos que abrangem atividades a utilizar em conjunto com as comunidades, da fase de planeamento à da transferência. Além das atividades, existem sugestões de moderação úteis e orientação, baseadas em experiências reais da equipa da WaterAid em Timor-Leste.

Ferramentas de bônus: Ferramenta de Análise Económica Política (AEP)

WaterAid.²⁸

Disponível em washmatters.wateraid.org/publications/political-economy-analysis-toolkit

A Análise da Economia Política (AEP) consiste em compreender como a mudança acontece, contribuindo para identificar a forma de melhor influenciar a mudança e de tomar decisões mais informadas a nível político. O kit de ferramentas da AEP proporciona uma abordagem estruturada para analisar a forma como a mudança acontece, do nível nacional ao local. Pode contribuir para moldar as estratégias, programas e até decisões “quotidianas” do país.

Guia dos profissionais para colocar a questão de género na análise da economia política: por que importa e como fazê-lo.

Gender e Development Network (2018).²⁹

Disponível em gadnetwork.org/gadn-news/2018/5/9/putting-gender-in-political-economy-analysis-why-it-matters-and-how-to-do-it

Estas ferramentas irão ajudar a levar em conta a paisagem política, que é essencial para planear eficazmente. A análise da economia política consiste em compreender como a mudança acontece, contribuindo para identificar a forma de melhor influenciar a mudança e de tomar decisões mais informadas a nível político. Destaca a distribuição de poder e recursos numa sociedade e as implicações para os objetivos programáticos. Uma análise da economia política baseada no género examina explicitamente a forma como o género e outras desigualdades sociais moldam o acesso das pessoas ao poder e recursos e garante que as perspetivas das mulheres enformam o processo, o conteúdo e a utilização da análise.



3.3 Ferramentas para utilizar na implementação do programa e na promoção da participação

Envolver pessoas marginalizadas e em risco de virem a sê-lo é fundamental para a programação inclusiva. Exige mais do que simplesmente assegurar que as pessoas marginalizadas estejam presentes numa reunião: toda a gente deve sentir-se apta a contribuir e estes contributos devem ser levados em conta nas decisões. As pessoas sentirão que participaram se as suas sugestões forem implementadas ou pelo menos levadas em consideração.

É importante envolver todas as partes interessadas relevantes em momentos apropriados do ciclo do projeto. Estas podem incluir ONG parceiras locais, responsáveis do governo local, organizações da sociedade civil, como organizações de pessoas com deficiência, e membros da comunidade. Poderá ter de constituir vários grupos de debate a fim de assegurar que toda a gente tem a oportunidade de contribuir. A participação é não somente uma parte importante do desenvolvimento baseado em direitos, mas também melhora a relevância, a apropriação, o acesso e a sustentabilidade do seu trabalho.

Durante o planeamento de reuniões, considere os seguintes fatores:

- Hora e local.
- Fatores ambientais, sociais e políticos.
- Relações de poder no interior de grupos e entre grupos.
- As questões em debate – são de carácter sensível?
- Consentimento informado: pediu às pessoas, incluindo as crianças, o seu consentimento? Certificou-se de que as crianças e as pessoas com deficiências mais profundas tiveram a oportunidade de dar o seu consentimento informado? Se tal não for possível, garanta que o consentimento informado é dado pelo seu principal cuidador/ tutor, que pode estar presente durante qualquer atividade.
- Informação – está disponível num formato apropriado para os participantes?

Poderá também ter de moderar debates participativos, reconhecendo que certas questões poderão ser sensíveis e exigir mais tempo e talvez mais do que uma reunião. É importante monitorizar a participação ao longo do tempo, já que esta tem probabilidades de mudar. Barreiras que acredita já ter superado poderão reaparecer e poderá necessitar de diferentes abordagens para alcançar a mudança a longo prazo.

Ferramenta principal

Lista de verificação de acesso e inclusão

Duração: 30 minutos ou mais.

Coe S (2014).³⁰



Secção 3

Esta ferramenta contribui para assegurar que qualquer reunião ou evento que esteja a organizar seja o mais acessível possível a pessoas com deficiência.

Informações-chave

- Concebida para ser utilizada por funcionários do programa.
- Aplique esta ferramenta aos seus planos e orçamentos preliminares para que possa efetuar os ajustamentos necessários com antecedência.

Antecedentes

Um conjunto de barreiras pode impedir a inclusão das pessoas com deficiência no trabalho em geral. Um requisito de acesso básico consiste em assegurar um acesso eficaz às reuniões, processos de consulta e eventos para pessoas com deficiência. Quando as necessidades de acesso das pessoas com deficiência são levadas em conta, descobrirá que outras pessoas (como idosos, pessoas com doenças crónicas e grávidas) terão um acesso mais fácil aos seus eventos.

Existe alguma organização de pessoas com deficiência representativa a nível local que possa ajudá-lo a contactar pessoas com deficiência na área? Se não tiver a certeza se os seus planos são acessíveis, peça conselho às organizações de pessoas com deficiência.

Continua no verso

Método

1. Verifique o local do evento

Avalie o acesso físico – O local está suficientemente perto para pessoas com limitações de mobilidade? É acessível para pessoas com dificuldade em andar ou que utilizam ajudas à locomoção ou cadeira de rodas? Situa-se numa encosta ou colina ou tem caminhos de acesso difíceis? Situa-se no piso térreo? Tem escadas? As pessoas estarão aptas a utilizar instalações como casas de banho, cafetarias e salas de debate de forma independente?

Avalie o acesso sensorial – Para pessoas que dependem da comunicação visual, certifique-se de que a sala tem iluminação suficiente e que os lugares estão dispostos de forma a que toda a gente esteja visível. Reduza as distrações visuais e auditivas tanto quanto possível. Desta forma, irá aumentar a participação de toda a gente. Verifique se é necessário recorrer a intérpretes de língua gestual e utilize sempre intérpretes aceites pela comunidade surda local. À chegada, certifique-se de que toda a gente com deficiência visual tem a oportunidade de se familiarizar com a disposição do local.

Avalie o acesso cognitivo – Certifique-se de que o local é fácil de encontrar e que são dadas instruções claras, incluindo local, data e hora, com antecedência. Minimizar as distrações visuais e auditivas e à chegada certifique-se de que as pessoas têm a oportunidade de se familiarizar com o local e os moderadores.

2. Verifique o formato das sessões

Avalie o acesso físico – Verifique se todas as atividades planeadas estão adaptadas a pessoas com dificuldades de locomoção. Leve em conta a forma como uma pessoa com dificuldade de mobilidade poderá participar. Este aspeto pode afetar a escolha de desbloqueadores de conversa ou sessões de simulação de papéis, que geralmente implicam muitos movimentos em redor da sala. Se necessário, altere as atividades. Pode também significar prestar ajuda a pessoas ou grupos com dificuldade em escrever.

Avalie o acesso sensorial – Verifique se todas as atividades podem ser acedidas por pessoas com deficiências sensoriais (certifique-se de que não depende apenas de ferramentas visuais ou auditivas). É uma boa prática pedir a toda a gente que diga o seu nome no início de qualquer sessão: isto ajudará as pessoas com deficiência visual (e algumas com deficiências cognitivas) a saberem quem também está presente na sessão. Utilize recursos visuais para clarificar e confirmar argumentos, mas não confie somente neles e dê sempre tempo às pessoas para que os analisem antes de prosseguir. Certifique-se de que descreve quaisquer recursos visuais apresentados e evite apontar simplesmente para partes de uma imagem ou diagrama enquanto diz coisas como

“isto demonstra”, “aqui vemos”, “esta parte”. Devem estar disponíveis materiais com letras maiúsculas.

Avalie o acesso cognitivo – Certifique-se de que utiliza o mínimo de gíria profissional e que a sua linguagem é clara e bem estruturada. Mantenha curtas as afirmações importantes e repita-as de formas diferentes. Utilize o mínimo de materiais escritos e certifique-se de que a linguagem empregada é simples (costuma ser útil recorrer a letras maiúsculas com imagens).

3. Sugestões para eventos de grande escala

- Publicite o seu evento em locais familiares a pessoas com deficiência, através, por exemplo, de organizações de pessoas com deficiência locais.
- Dê aos intérpretes e funcionários de apoio à comunicação documentos e informações com antecedência, para que possam preparar-se.
- Preste atenção ao contraste e tamanho das letras nos anúncios visuais, tendo em conta as pessoas com dificuldades visuais: utilize letras maiores com um bom contraste de cor.
- Escolha um local central a que as pessoas possam chegar facilmente.
- Certifique-se de que o local da reunião é acessível para todos os participantes.
- Pondere providenciar transporte para participantes com deficiência, já que transportes públicos inadequados poderão impedi-los de participar.
- Pergunte a todos os apresentadores e participantes de que alojamentos ou modificações necessitam com antecedência.
- Se as pessoas com deficiência que participam na reunião necessitarem da ajuda de outra pessoa, ofereça-se para pagar o tempo e os custos de deslocação da pessoa que os acompanha.
- Coloque alguém na entrada principal para orientar as pessoas que chegam à sala de reuniões.
- Certifique-se de que os funcionários e os voluntários sabem que funcionalidades acessíveis estão disponíveis no edifício (como rampas e casas de banho acessíveis).
- Se utilizar intérpretes de língua gestual, certifique-se de que estão posicionados num bom local – pergunte aos participantes surdos se o local é adequado.
- Certifique-se de que não existem obstáculos (como cadeiras ou mesas) a bloquear as vias principais.
- Certifique-se de que a sala está bem iluminada, especialmente para as pessoas com dificuldades visuais ou auditivas.
- Prepare formatos alternativos de materiais (p. ex., forneça materiais de apoio numa unidade USB). Elabore recursos visuais táteis (p. ex., utilizando cordel para dar textura).



Ferramenta principal

Auditorias de acessibilidade e segurança

Duração: 1 hora ou mais por auditoria

WEDC e WaterAid (2013).³¹

Versão mais desenvolvida disponível em: washmatters.wateraid.org/accessibility-safety-audits

O objetivo destas auditorias de acessibilidade e segurança consiste em analisar de perto as latrinas e os pontos de água a fim de:

- Identificar barreiras que tornam difícil para algumas pessoas utilizar a instalação de forma independente.
- Identificar que funcionalidades tornam a instalação fácil de utilizar e que funcionalidades a tornam difícil de utilizar para uma pessoa fisicamente vulnerável.^{viii}
- Descubra se existe alguma preocupação de segurança no que respeita à utilização da instalação, especialmente para raparigas adolescentes, mulheres e crianças de diferentes idades.
- Verifique se é necessário efetuar alguma mudança na instalação e/ou na área circundante.
- Dê sugestões práticas para mudanças/melhorias.

Há auditorias específicas para analisar latrinas de mercados, latrinas escolares e pontos de água comunitários.^{ix} Idealmente, as pessoas que utilizam regularmente a latrina ou ponto de água devem ser envolvidas no debate dos seus resultados. As pessoas com limitações da atividade devem ser envolvidas no processo de auditoria.

viii Pode tratar-se de uma pessoa idosa frágil (homem ou mulher), uma criança pequena, uma mulher em avançado estado de gravidez, uma pessoa numa cadeira de rodas ou que utilize bengala ou muletas, uma pessoa invisual, com pouca força, uma perna partida ou um membro amputado, por exemplo.

ix Ferramenta adaptada das referências 12, 32.

Informações-chave

- Estas ferramentas foram concebidas para serem utilizadas por uma pequena equipa de analistas, incluindo funcionários do programa ou do projeto, em conjunto com representantes da comunidade local, incluindo pessoas com deficiência.
- Estas são ferramentas práticas que devem ser utilizadas no local
- Utilize estas ferramentas na fase de planeamento para identificar possíveis barreiras ambientais à utilização das instalações por parte de diferentes membros da comunidade.
- Estas ferramentas podem também ser utilizadas para verificar se uma instalação foi construída em conformidade com as especificações do Design Universal.

Necessitará de

- Um coordenador, com uma equipa de até quatro pessoas (as ferramentas podem ser utilizadas por pessoas individuais, mas contar com a representação de pessoas marginalizadas aumenta o impacto).
- Bloco de notas, canetas, lápis, borracha, régua
- Papel simples ou quadriculado
- Capa com mola
- Fita métrica
- Máquina fotográfica
- Porta-documentos à prova de água (para manter os relatórios em segurança)

Método

Utilize as listas de verificação no verso para se orientar em cada processo de auditoria. É conveniente assegurar que está familiarizado com cada conjunto de perguntas antes de se deslocar para o terreno. As listas de verificação aqui pormenorizadas foram concebidas para lhe fornecer perguntas apropriadas em lugar de serem utilizadas para registar dados. Os seus resultados devem ser registados nos seus blocos de notas e depois redigidos sob a forma de um relatório de auditoria de acessibilidade e segurança com mudanças e pontos de intervenção recomendados.

A auditoria de acessibilidade e segurança para uma latrina do centro de um mercado está incluída aqui e as auditorias para latrinas, latrinas escolares e pontos de água podem ser encontradas em: wedc-knowledge.lboro.ac.uk/collections/equity-inclusion/general.html³³

continua no verso

Latrina do centro do mercado

A. Dados gerais

1. Local/endereço

2. Localização geográfica

- rural urbana periurbana
- plana acidentada húmida/pantanosa

Dados adicionais

3. Tipo de latrina

4. Construída por

5. Descrição geral da latrina, centrando-se na superestrutura, incluindo materiais, estado de reparação e limpeza

B. Acessibilidade e segurança

Utilize as listas de verificação para tomar nota de quaisquer barreiras significativas ao acesso e segurança. Nesta ocasião, poderá ser útil consultar um leque de diferentes utilizadores para que expliquem quaisquer barreiras que experimentem. Tome nota das características que tornam a instalação difícil para algumas pessoas a utilizarem de forma independente. Utilize as listas de verificação abaixo para se recordar dos tipos de características a procurar, ignorar as que não são relevantes e adicionar aspetos em falta.

Lista de verificação – acesso geral às latrinas

- Distância da banca de mercado mais próxima da latrina.
- Qual a composição do caminho/via de acesso?
- O caminho é suficientemente amplo para todos os utilizadores (largura mínima recomendada de 90 cm)?
- O caminho é uniforme e firme?
- O caminho é escorregadio quando está seco ou quando está húmido?
- Existem obstáculos que dificultam a passagem ou que propiciam o tropeçar (p. ex., para pessoas invisuais)?
- O caminho está livre de galhos de árvores e arbustos (até 2 metros acima do nível do solo)?
- Uma pessoa invisual pode fazer o caminho sem ajuda (p. ex., sentindo a textura da superfície, os pontos de referência ou o corrimão)?
- As encostas são demasiado inclinadas (inclinação máxima recomendada de 1 em 12)?
- A superfície da encosta é escorregadia ou não?
- Se utilizado à noite, o caminho é iluminado?
- Qual a distância entre a latrina feminina e a latrina masculina?

6. Notas rápidas sobre as mudanças sugeridas para melhorar o acesso geral à latrina

Lista de verificação – acesso ao ponto de entrada da latrina

Degraus

- No caso de haver degraus, a sua altura é razoável (máximo recomendado de 15-17 cm por cada degrau)? Os degraus são regulares ou irregulares, sólidos ou quebrados, não escorregadios ou escorregadios?
- Existe um corrimão de apoio?
- Existe uma entrada alternativa para utilizadores de cadeiras de rodas? Verifique se o declive é suficientemente largo e não demasiado inclinado para uma pessoa em cadeira de rodas. Possui uma balaustrada?

Entrada

- Existe uma plataforma plana em frente à porta?
- A entrada é suficientemente larga para uma pessoa em cadeira de rodas poder entrar (largura mínima recomendada de 80 cm)?
- A diferença de altura entre o nível interior e exterior é inexistente ou de 17 cm no máximo?

Porta

- A porta é fácil de abrir por alguém com pouca força nas mãos? Tem uma altura adequada aos utilizadores a que se destina?
- A porta abre para dentro ou para fora?
- O utilizador pode entrar na latrina com a porta aberta e depois fechá-la por trás de si facilmente?
- A porta é fácil de trancar e destrancar? O trinco funciona?
- Se alguém enfrentasse assédio ou riscos de segurança ao utilizar a instalação, conseguiria sair da instalação em segurança?

7. Notas rápidas sobre as mudanças sugeridas para melhorar o acesso de entrada/saída da latrina

Lista de verificação – design interno

Desenhe um plano que mostre as dimensões e a disposição vistas de cima.

Dimensões internas

- Largura e comprimento internos
- Distância da porta até à frente da base da retrete/abertura da plataforma sanitária
- Largura e altura da base da retrete (se aplicável)
- Distância entre cada lado da base da retrete/plataforma sanitária e cada lado da parede
- A disposição da latrina tem espaço suficiente para que uma pessoa em cadeira de rodas ou com ajudas à locomoção, ou acompanhada de um ajudante, possa utilizá-la com a porta fechada em segurança? Desenhe a disposição num diagrama do plano.

Descreva

- É uma latrina de agachar ou de sentar?
- Se for de agachar, existe algum apoio para as mãos (barras de apoio, corda)? Tome nota dos materiais, acabamento, posição, altura, etc. Desenhe a respetiva posição no plano.
- Se for de sentar, o assento é fácil de utilizar? Porquê/porque não?
- Descreva o assento: materiais, acabamento, dimensões, fixo/amovível, tamanho da abertura, etc.

Pavimento

- Qual é a sua composição?
- É regular ou irregular, sólido ou instável, escorregadio ou não escorregadio? O pavimento é fácil de limpar?
- A drenagem funciona bem?

Iluminação

- Quando a porta está fechada, há iluminação suficiente para ver a base da retrete ou a plataforma?

Janelas e telhado

- As janelas e o telhado protegem os utilizadores da chuva/calor?
- Garantem a privacidade adequada a toda a gente que utiliza a latrina?
- Alguém consegue ver o interior (p. ex., a partir dos telhados adjacentes)?

8. Notas rápidas sobre mudanças sugeridas para melhorar o design interno

Lista de verificação – fonte de água e lavagem das mãos

- Existe uma fonte de água fiável no interior da latrina? É acessível a toda a gente?
- Toda a gente consegue alcançá-la na posição agachada/sentada?
- Em caso negativo, qual a fonte de água e a que distância fica da latrina?
- Existem materiais para limpeza anal sempre disponíveis e acessíveis?
- Existem instalações de eliminação acessíveis para materiais de limpeza anal e a sua higiene é assegurada?
- Existe sempre água disponível para lavagem das mãos?
- Todos os utilizadores conseguem alcançar facilmente a água?
- Existe sempre sabão disponível e é fácil de alcançar (também por crianças pequenas)?
- As instalações de lavagem das mãos dos rapazes e das raparigas são separadas e afastadas entre si (para assegurar a privacidade das raparigas que fazem a gestão da menstruação)?
- Existe alguma forma de eliminar a água que mantenha a higiene da área circundante e que a impeça de ficar escorregadia?

9. Notas rápidas sobre mudanças sugeridas ao abastecimento de água e instalações de lavagem das mãos

Lista de verificação – higiene menstrual

- Existe um local para que as mulheres e raparigas menstruadas lavem panos reutilizáveis e/ou roupas manchadas?
- Existe um sistema que assegure a eliminação discreta de resíduos de proteção sanitária?
- Existe um contentor com uma tampa bem ajustada para colocar os materiais usados?
- Os contentores são utilizados?
- Os contentores são esvaziados regularmente?
- Existe alguém responsável por esvaziar e limpar os contentores?
- Existe um local acordado e seguro para a eliminação final dos resíduos (p. ex., incineração, aterro ou eliminação nos sistemas de recolha de resíduos municipais)?

10. Notas rápidas sobre mudanças sugeridas às instalações de eliminação para materiais de proteção sanitária

Lista de verificação – utilizar a latrina

Sentir segurança durante a utilização da latrina

- Todos os utilizadores se sentem seguros quando utilizam a latrina? Verifique em especial até que ponto as raparigas adolescentes, as mulheres e as crianças de diferentes idades se sentem seguras ao utilizá-la.
- Existem horas, dias ou noites específicas em que se sintam menos seguras?
- Existem partes do caminho que fazem com que os utilizadores se sintam inseguros? Porquê?
- Já se registaram incidentes de assédio ou outras ameaças à segurança durante a utilização da instalação?
- Existe alguma forma pela qual os homens ou rapazes possam espreitar facilmente as latrinas das mulheres/raparigas?
- Verifica-se a presença de homens no exterior da latrina das mulheres/raparigas?
- Se alguém enfrentasse assédio ou outros riscos de segurança ao utilizar a instalação, conseguiria sair dali em segurança?

Gestão e manutenção

- Existe alguém responsável pela guarda ou limpeza?
- O seu comportamento faz com que as raparigas e mulheres se sintam seguras quando utilizam a latrina?

Melhorias

- Que sugestões dariam os utilizadores sobre o que poderia ser melhorado no design ou gestão da instalação para que a sua utilização desse uma maior sensação de segurança?

11. Notas rápidas sobre mudanças sugeridas para melhorar a sensação de segurança

C. Entrevistas com utilizadores locais

12. Pessoas entrevistadas

13. Quem são os principais utilizadores da latrina (os utilizadores primários)?

14. Existem pessoas que gostariam de utilizá-la mas que não o fazem ou que evitam utilizá-la? Quais são as principais barreiras que impedem as pessoas de utilizar a latrina?

15. Quais são, se existentes, as mudanças sugeridas que as pessoas gostariam de recomendar para melhorar o acesso e a utilização segura das latrinas?

16. Quaisquer informações ou comentários adicionais



Ferramenta principal

Autoavaliação da deficiência

Duração: meio dia, no mínimo.

Adaptado de Vold S (2012).³⁴

Seção 3

O objetivo desta ferramenta consiste em facilitar um processo de autorreflexão e de avaliação em relação à inclusão de pessoas com deficiência nas organizações, programas e intervenções. Proporciona a oportunidade de identificar medidas específicas que podem ser tomadas para aumentar a participação. Quando utilizada pelos parceiros de implementação, pode ajudar a identificar as áreas que podem necessitar de mais apoio.

Informações-chave

- Concebida para ser utilizada como ferramenta de análise pelos **funcionários do programa e/ou do projeto**
- Dirigida como um **workshop interativo** que deve incluir todos os funcionários relevantes
- Pode ser dirigida como uma sessão única (que necessitaria no mínimo de duas horas) ou ao longo de várias sessões mais curtas
- Aplicar regularmente para monitorizar os progressos alcançados e ajustar os planos em conformidade
- Utilizar as informações geradas pela análise como base para desenvolver planos e pontos de intervenção de curto a longo prazo relacionados com a melhoria da participação de pessoas com deficiência na sua organização

Recursos

- Pelo menos dois moderadores (um para liderar os debates e outro para tomar notas e encorajar a participação)
- Cartões A5 para o debate de grupo
- Marcadores para o debate de grupo
- Blocos de conferência preparados com um diagrama de aranha em branco conforme demonstrado no Diagrama 9
- Cópias da lista de verificação de deficiência para cada grupo

Sugestão: Antes de começar, certifique-se de que leu as secções 1 e 2 deste kit de ferramentas. O objetivo é garantir que está familiarizado com todas as definições utilizadas para descrever a marginalização e que está apto a lidar de forma sensível com este tipo de investigação. Em especial, certifique-se de que está familiarizado com **a abordagem ao desenvolvimento baseada em direitos humanos**. Vale a pena assegurar que toda a gente do grupo está familiarizada com esta abordagem, pelo que talvez tenha de realizar alguma formação sobre conhecimento da deficiência antes de aplicar esta ferramenta.

Método

É importante que estes debates sejam realizados de uma forma que assegure que as pessoas se sentem confortáveis e seguras para falar de forma honesta e aberta. As pessoas nem sempre se sentem confortáveis quando fazem julgamentos críticos do seu próprio trabalho ou do dos seus colegas. Deve dedicar algum tempo a explicar a importância de ser honesto e mostrar-se aberto quanto ao facto de o objetivo não ser criticar, mas sim aprender (por exemplo, salientando que 0 pode ser uma excelente pontuação, porque assim é bastante fácil melhorar).

Pode ser uma boa ideia dividir um grupo grande em subgrupos mais fáceis de gerir (máximo de quatro pessoas) e (se relevante) permitir que as pessoas debatam as questões na sua própria língua, para promover a participação.

Certifique-se de que atribui tempo suficiente, tanto para os debates de grupo como para as apresentações. Este exercício pode demorar facilmente um dia inteiro.

1. Clarificar e explicar

Enquanto moderador, analise cada secção da lista de verificação para se certificar de que toda a gente compreende as perguntas e a tarefa.

2. Onde estamos agora?

Os participantes começam por debater cada secção à vez, dando uma “nota” de 0-5 a cada pergunta em que 0 significa nenhum e 5 é perfeito. É fundamental que toda a gente do grupo concorde e que os motivos e as explicações das decisões sejam registados. A pontuação do modo para cada secção é depois identificada (ou seja, o número que aparece com maior frequência). As pontuações são marcadas num diagrama de aranha e a “inclusão corrente” é depois demonstrada como uma área no diagrama (ver Diagrama 9).

Esta parte da sessão termina com o ou os grupos a apresentarem o seu diagrama ao moderador (e a cada um), ao mesmo tempo que explicam como chegaram às suas conclusões. Se diferentes grupos apresentarem resultados acentuadamente diferentes, debata e chegue a um acordo comum.

3. Os próximos passos: onde estar dentro de um ano?

Cada grupo deve agora consultar novamente a sua lista de verificação. Mais uma vez, analisando cada secção à vez, debata cada pergunta e identifique medidas viáveis e desejáveis que podem tomar ao longo do próximo ano, de forma a melhorar a sua “pontuação de inclusão”. Tal como antes, têm de acordar em que ponto querem estar dentro de um ano em cada uma das secções e marcá-lo no respetivo diagrama.

Esta sessão termina como Secção 2, com o ou grupos a apresentarem os seus resultados em sessão plenária. Nos debates, é importante determinar se as medidas propostas são viáveis e realistas.

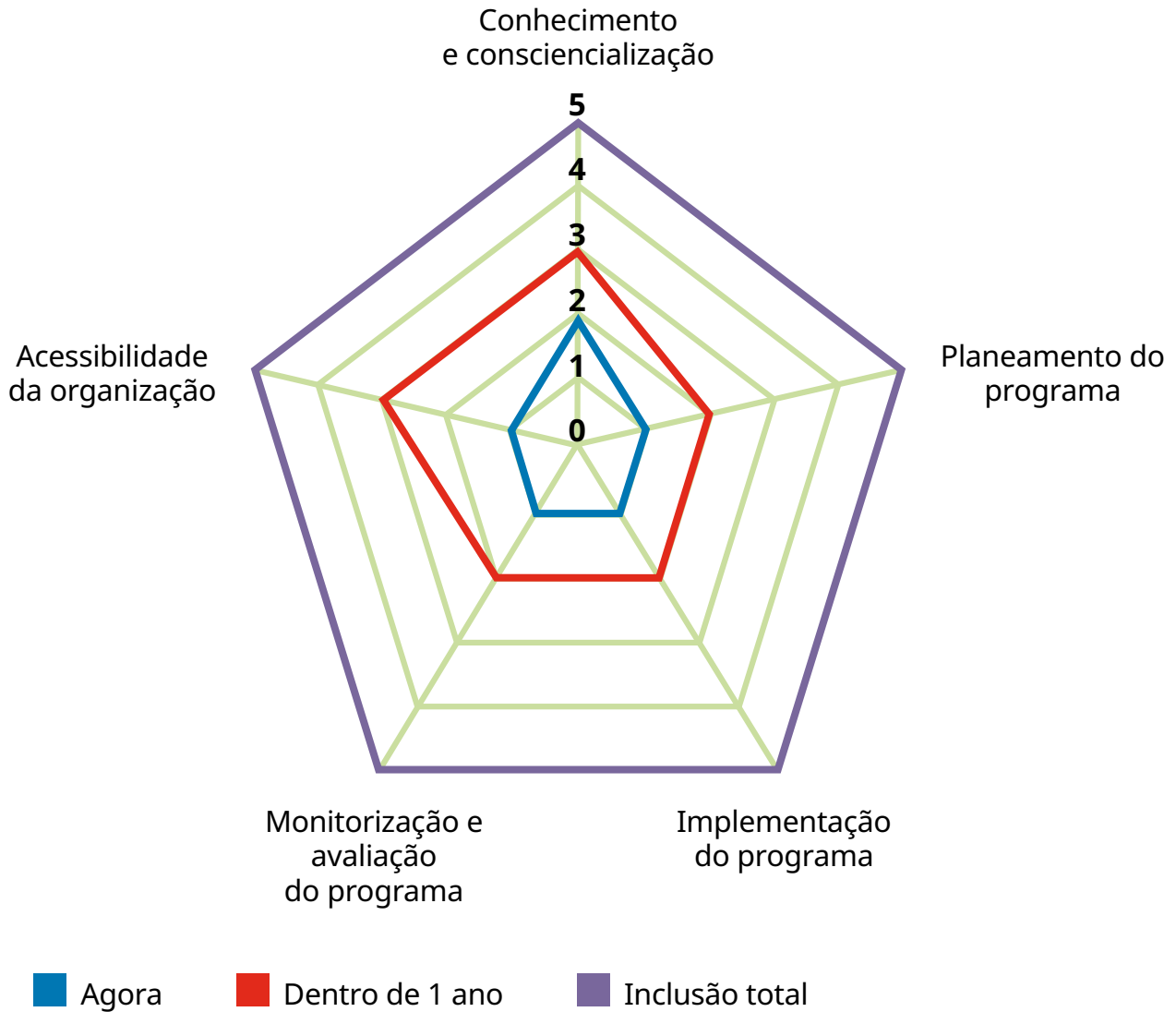
4. O objetivo geral

Se houver tempo, o exercício pode ser realizado uma terceira e última vez, centrando-se onde a organização pretende estar em termos de inclusão da deficiência no final do período de tempo (por exemplo, ao fim de dois anos, três anos ou o que for apropriado). O importante aqui é determinar quais teriam de ser os passos-chave: de que forma a organização, bem como os programas, pareceria diferente?

Fátima, à direita, sentada em frente da sua casa com familiares na aldeia de Mucuapa, Moçambique.



Diagrama 9: Exemplo de um diagrama de aranha após a conclusão do total das três sessões



Lista de verificação da deficiência

1 Conhecimento e consciencialização

- a. Os funcionários compreendem o que é a deficiência? Incluindo:
 - i. A diferença entre incapacidades e deficiência;
 - ii. Como identificar barreiras
 - iii. Os direitos das pessoas com deficiência (especialmente a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência)?
- b. Os funcionários veem a deficiência como relevante para o seu trabalho?
- c. Os funcionários têm conhecimento das leis e políticas locais relacionadas com as pessoas com deficiência?
- d. A WaterAid tem organizações parceiras com capacidade e experiência para trabalhar com crianças e adultos com deficiência?

2 Planeamento do programa

- a. A questão da deficiência e das barreiras enfrentadas por crianças e adultos com deficiência está incluída na análise situacional?
- b. Durante os processos da análise situacional e do planeamento do programa, procedeu-se à consulta de crianças e/ou de adultos com deficiência?
- c. As crianças e adultos com deficiência estão incluídos em estudos da base de referência ou levantamentos da área?
- d. Existem rubricas orçamentais específicas para a inclusão da deficiência e a acessibilidade ou estes aspetos podem ser incluídos nos orçamentos de outras formas?
- e. As respostas estratégicas (planos do programa) incluem medidas específicas a tomar para assegurar que as crianças e os adultos com deficiência possam aceder às atividades do programa?
- f. Alguma organização de pessoas com deficiência foi identificada como possível parceira na intervenção?

3 Implementação do programa

- a. As crianças e adultos com deficiência estão incluídos nas atividades do programa?
- b. Os direitos das crianças e adultos com deficiência estão a ser alvo de ações de mobilização?
- c. Estão a ser levadas a cabo atividades de sensibilização para os direitos das crianças e adultos com deficiência?
- d. As organizações de pessoas com deficiência estão incluídas nas atividades de implementação do programa?

4 Monitorização e avaliação do programa

- a. A inclusão de crianças e adultos com deficiência nas atividades do programa é monitorizada e avaliada (por exemplo, através da recolha de dados desagregados)?
- b. Existem crianças ou adultos com deficiência (ou organizações que os representem) envolvidos nas suas atividades de monitorização, avaliação e aprendizagem?
- c. Os funcionários responsáveis pela monitorização, avaliação e aprendizagem contam com formação sobre deficiência?
- d. A deficiência é especificamente medida em todas as avaliações do programa e do projeto (por exemplo, sendo mencionada em termos de referências, seleção do método e análises de resultado/impacto)?

5 Acessibilidade geral

- a. Os escritórios da organização são acessíveis a pessoas com diferentes limitações da atividade?
- b. Os locais do projeto são acessíveis a pessoas com diferentes limitações da atividade (por exemplo, locais de reunião da comunidade, comités da água, etc.)?
- c. Crianças ou adultos com deficiência visitaram o escritório para comentar a acessibilidade?
- d. Há materiais informativos e educativos disponíveis em formatos acessíveis e alternativos?
- e. As políticas de recrutamento apoiam as pessoas com deficiência?
- f. As atitudes dos funcionários são positivas em relação às pessoas com deficiência – houve alguma formação sobre deficiência?

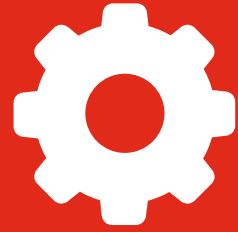
Ferramenta principal

Atividades diárias das mulheres e dos homens

Duração: 1 hora e 30 minutos

WaterAid Timor-Leste (2017). *A manual for facilitating dialogue between women and men in communities: Exploring the gender aspects of community water, sanitation and hygiene. Módulo 1, Atividade 1.*^{26, x}

Disponível em: washmatters.wateraid.org/publications/exploring-gender-aspects-of-community-water-sanitation-and-hygiene-in-timor-leste



Secção 3

O objetivo desta atividade consiste em iniciar o processo de valorização do trabalho diário das mulheres e determinar de que forma a carga de trabalho poderia ser partilhada de forma mais equitativa.

Informações-chave

- Concebido para ser utilizado pelos **funcionários do programa ou projeto** em conjunto com grupos ao nível comunitário
- Funciona bem se os grupos contiverem um leque de membros da comunidade de diferentes idades, géneros, tipos de deficiência e estados de saúde
- Anote os resultados numa folha de registo da atividade diária em branco no final da atividade. Anote o tempo e as diferentes atividades das mulheres e dos homens de cada vez. Destaque quaisquer diferenças significativas entre as atividades dos homens jovens em comparação com os homens mais velhos e das mulheres jovens em comparação com as mulheres mais velhas; e das mulheres ou dos homens com deficiência ou doença em comparação com mulheres ou homens saudáveis.

Recursos

- Um moderador
- Versões de quadros de conferências previamente preparados da folha de registo da atividade diária (ver diagrama 10)
- Marcadores
- Cartões A5/notas adesivas para debate de grupo
- Folhas de registo da atividade diária para mulheres e homens

x Este exercício foi adaptado da atividade de 24 horas em Halcrow G, Rowland C, Willetts J, Crawford J e Carrard N (2010).³⁵

Instruções de organização

Certifique-se de que todas as questões abaixo são mencionadas antes de terminar o debate.

- Os homens e as mulheres têm uma responsabilidade igual de contribuir para o trabalho doméstico.
- As mulheres e os homens reconhecem que as mulheres têm um fardo injusto da carga de trabalho ao longo de todo o dia. Devido a esta situação, é difícil para elas participarem em programas na comunidade.
- A importância de os homens atribuírem tempo às mulheres para que participem em quaisquer atividades comunitárias.
- As mulheres estão aptas a compreender que deveria haver uma partilha das tarefas domésticas entre homens e mulheres.
- Os homens estão também aptos a reconhecer profundamente que deveria haver uma partilha das tarefas domésticas entre homens e mulheres.
- Mulheres e homens aptos a reconhecer que as mulheres têm direitos iguais aos dos homens.

Se alguma das questões acima não for mencionada pelos participantes, o moderador terá de referir as questões em falta de forma muito clara no final da atividade.

Método

1. Explique ao grupo que gostaríamos de falar sobre o contributo positivo das mulheres e dos homens para as atividades diárias de WASH e a expectativa de que as mulheres e os homens venham a contribuir para o programa de WASH.
2. Forme dois grupos: um grupo de mulheres e um grupo de homens.
3. Peça aos grupos de mulheres e de homens que reflitam e enumerem todas as atividades diárias que realizam todos os dias, desde que acordam até que vão dormir à noite. Enumere-as todas, não apenas as que se relacionam com a WASH.
4. Peça aos grupos que anotem cada uma das suas atividades em notas adesivas ou cartões indicando a que hora do dia as realizam. Nota: algumas atividades podem acontecer várias vezes num dia – certifique-se de que existe um cartão para cada vez que a atividade tem lugar.

5. Volte a reunir os dois grupos. Peça a cada grupo que apresente ao outro a lista de atividades realizadas. Peça-lhes para exporem cada um dos cartões nos quadros de conferência previamente preparados.
6. Em seguida, pergunte aos participantes se têm questões, comentários ou observações a fazer sobre as tarefas que as mulheres realizam e as tarefas que os homens realizam. Pode dar início ao debate recorrendo a perguntas como:
 - a. O que é diferente na vida diária e trabalho das mulheres e na vida diária e trabalho dos homens?
 - b. O trabalho é repartido de forma justa e equitativa entre as mulheres e os homens?
 - c. Existe algo que lhe tenha causado surpresa?
7. Peça aos dois grupos que identifiquem quais destas tarefas se relacionam com a WASH – podem fazer um círculo ou sublinhar as atividades relacionadas com a WASH.
8. Peça aos participantes que debatam a forma como as mulheres e os homens poderiam partilhar mais o trabalho doméstico.

Diagrama 10

Registo da atividade diária		
Hora	Mulheres	Homens
Manhã		
Tarde		
Noite		



Ferramenta principal

As mulheres e os homens no passado e no presente

Duração: 2 horas

WaterAid Timor-Leste (2017).²⁶

Disponível em: washmatters.wateraid.org/publications/exploring-gender-aspects-of-community-water-sanitation-and-hygiene-in-timor-leste

O objetivo desta atividade consiste em compreender que a cultura, incluindo as funções de “género” e as relações entre mulheres e homens, pode mudar e efetivamente muda ao longo do tempo e que é possível alcançar uma mudança ainda maior.

Informações-chave

- Concebido para ser apresentado por funcionários do programa ou do projeto com grupos de mulheres e homens ao nível comunitário
- Envolver números iguais de mulheres e homens
- Deve ajudar as mulheres e os homens a refletirem sobre o que está envolvido no processo de mudança para uma maior igualdade de género
- A altura ideal para realizar esta atividade é a meio dos projetos para verificar o impacto que as funções de género em mudança exercem na comunidade
- No final da atividade, certifique-se de que regista os resultados dos debates na folha de registo – *As mulheres e os homens no passado e no presente*

Recursos

- Dois moderadores – uma mulher e um homem
- Versões de quadros de conferências previamente preparados da folha de registo – *As mulheres e os homens no passado e no presente*
- Marcadores
- Cartões A5/notas adesivas para debates de grupo

- Folha de registo – *As mulheres e os homens no passado e no presente* (página 100)

Instruções de organização

- Cada moderador deve ler as instruções e ser claro quanto ao objetivo e fases da atividade.
- Cada moderador deve ter exemplos adequados prontos a partilhar sobre as mudanças nas funções de género ao longo do tempo na sua própria família.
- Lembre-se de preparar a forma através da qual irá apresentar o exercício sem utilizar o termo “género”, que pode provocar associações pré-concebidas e que podem não ser úteis.

Método

Fase 1:

- Peça aos participantes que formem grupos separados de mulheres e homens, com quatro ou cinco membros cada. Dê a cada grupo os quadros de conferência previamente preparados e cartões A5 para registarem os seus debates.

- Explique o exercício e dê exemplos:

“A minha avó não podia conduzir ou alistar-se nas forças militares ou viajar sozinha fora de Timor.” “O meu avô não podia estar ao pé das mulheres nas reuniões.”

Cada moderador deve dar um exemplo específico da sua própria família.

- Cada membro do grupo deve refletir sobre a seguinte pergunta (talvez seja útil escrevê-la num quadro de conferência para que as pessoas possam consultá-la):
 - Indique uma coisa que pode fazer agora que a sua avó ou avô (ou mãe ou pai) não podia fazer pelo facto de ser mulher ou homem? Certifique-se de que reflete sobre o avô/progenitor do mesmo sexo que o seu (as mulheres falam sobre a sua mãe ou avó e os homens falam sobre o seu pai ou avô).
- Peça aos participantes que falem sobre o que mudou nos seus próprios grupos. Anote cada mudança num cartão A5 e coloque-o num dos quadros de conferência previamente preparados nas colunas marcadas “presente” e “passado”.

Fase 2:

Agora, reúna os grupos de homens e de mulheres.
Peça ao grupo que debata:

- Refletindo sobre as mudanças que identificamos, por que motivo pensa que estas mudanças tiveram lugar?

Anote cada fator num cartão A5. Alguns exemplos de fatores que devem ser mencionados são os seguintes:

- Mudança da economia de subsistência para a economia monetária – o que significa que os homens podem estar longe de casa e que as mulheres assumem as funções dos homens em casa e que as mulheres assumem diferentes tipos de funções de trabalho remunerado.
- As mudanças sociais, políticas, económicas e outras podem interagir com as relações de género – por exemplo, a mudança para uma “economia de mercado” tem impacto no processo de tomada de decisões relativo à terra/alteração dos direitos de acesso para as mulheres.
- Por vezes, as funções de género abrem-se para as mulheres e depois voltam a mudar – por exemplo, após a guerra/resistência, muitas vezes espera-se que as mulheres que possam ter assumido novas funções durante o conflito voltem às funções “tradicionais”.
- Conflito – em épocas de resistência, as mulheres podem também ser ativistas e pegar em armas.
- Acesso a cuidados de saúde e/ou apoio à deficiência.

Fase 3:

- Explique que gostaria de passar a debater se alguma destas mudanças foi *positiva* ou *negativa* e para quem:
 - Quem ganhou com a mudança e de que forma?
 - Alguém perdeu algo devido à mudança? Quem perdeu e o que perdeu?
- Peça aos grupos para marcarem no seu respetivo cartão se acreditam que a mudança é positiva (+) ou negativa (-) e que o coloquem no quadro de conferências por baixo da coluna da mudança.

Fase 4:

- Quando todos os debates terminarem, volte a reunir as pessoas.
- Primeiro, peça às mulheres para partilharem as suas respostas sobre uma das mudanças que debateram. Pergunte aos homens se concordam.
- Seguidamente, peça aos homens para partilharem as suas respostas sobre uma das mudanças que debateram. Pergunte às mulheres se concordam.
- Continue a pedir às mulheres e aos homens para darem as suas respostas a uma mudança de cada vez até que todas as mudanças tenham sido debatidas.
- Peça ao grupo que reflita sobre se as mudanças foram maioritariamente positivas ou negativas.

Fase 5:

Peça às mulheres e aos homens que regressem aos grupos separados e que pensem sobre os potenciais riscos negativos. Peça aos dois grupos que pensem sobre que estratégias podem ser desenvolvidas para assegurar que todas as mudanças são positivas para as mulheres e os homens e para evitar resultados negativos. Peça que preencham a coluna final no respetivo quadro de conferências com ideias sobre a forma de evitar resultados negativos.

Debate final e recapitulação

Certifique-se de que as seguintes questões são abordadas:

- As funções de género mudam ao longo do tempo e entre culturas.
- A cultura em si própria muda constantemente.
- Reitere de forma clara que ainda existe desigualdade entre mulheres e homens. A situação mudou, mas ainda está longe da igualdade. Estamos a analisar alguns dos aspetos que mudaram para nos ajudar a ver que as mudanças são possíveis nas funções de género. Isto porque não são “naturais”, mas sim baseadas em comportamento aprendido.
- Que a mudança é inevitável – necessitamos de ter consciência das mudanças que estão por vir e dar o nosso melhor para moldar o futuro para que este seja da forma como queremos que ele seja.
- Peça aos participantes que respondam com as suas reações a estas ideias e o que aprenderam com o exercício.

Folha de registo

As mulheres e os homens no passado e no presente

	Passado	Presente	+ mudança (quem ganha) ou - risco (quem pode perder)	Para quem?	Estratégias para evitar resultados negativos
Grupo das mulheres					
Grupo dos homens					

Ferramenta de bônus: Ferramentas para parcerias mais eficazes

Disponível em: washmatters.wateraid.org/partnerships

É fundamental certificar-se de que seleciona bons parceiros com quem possa trabalhar numa agenda de um programa baseado em direitos, mas esses mesmos parceiros podem necessitar de algum apoio para poderem trabalhar eficazmente com novos grupos de pessoas. Poderá descobrir que os parceiros se baseiam mais em necessidades nas suas experiências e competências e que estão menos familiarizados com o trabalho com pessoas marginalizadas. Estas ferramentas podem ajudar a identificar, selecionar e trabalhar com mais eficácia com os parceiros a todos os níveis.



Secção 3

Ferramenta de bônus: Trabalhar eficazmente com mulheres e homens em programas WASH.¹²

Disponível em www.genderinpacificwash.info/system/resourcesBAhbBlSHOgZmIjoyMDExLzAxLzI0LzE5LzA0LzQyLzKzMS9XQVNIX2ZsYXNoY2FyZHNfZmluYWw0d2VlLnBkZg/WASH_flashcards_final4web.pdf³⁵

Este recurso contém ferramentas para assegurar níveis apropriados de participação tanto de mulheres como de homens em todo o ciclo do programa, da conceção à avaliação. Embora o importante seja assegurar que as mulheres e os homens possam contribuir, as ferramentas podem também ser úteis para incluir pessoas com deficiência, idosos e pessoas que sofrem de doenças crónicas.



Ferramenta de bônus: Violência, género e WASH: kit de ferramentas de um profissional

Disponível em: washmatters.wateraid.org/violence-gender-and-wash-toolkit¹²

Este recurso centra-se nas questões relacionadas com a violência baseada no género e a WASH e é altamente prático e participativo. É especialmente útil caso pretenda abordar as questões que contribuem para uma maior vulnerabilidade à violência no contexto da WASH.

O conjunto de ferramentas 6 (TSA6) deste kit de ferramentas centra-se especificamente nas pessoas marginalizadas, para o ajudar a determinar que vulnerabilidades adicionais poderão enfrentar.

3.4 Ferramentas para utilizar na monitorização do programa – avaliar níveis de participação

Embora existam diretrizes específicas para a monitorização do programa e a aprendizagem, é importante considerar a igualdade, a não discriminação e a inclusão quando se elaboram ferramentas e indicadores.



Pintura na parede demonstrando comportamentos de uma boa higiene, à porta da casa de banho das raparigas na Escola Secundária de Janata, em Siraha, Nepal.

Ferramenta principal

A escada da participação

Duração: mínimo de 20 minutos por pessoa

Adaptado e ampliado de Halcrow G et al (2010).³⁵



Secção 3

As pessoas que representam todos os membros de uma comunidade, incluindo os que são marginalizados, têm de ser envolvidas na monitorização. Esta é uma ferramenta bastante útil para monitorizar a participação ao longo do tempo. Assume que a participação pode ser avaliada num espetro desde a “participação simbólica”, o que basicamente significa apenas que as pessoas são convidadas para as reuniões, até à “apropriação e controlo”, passando pela “tomada de decisões”.

Pode ser utilizada com uma seleção aleatória ou direcionada de membros da comunidade para testar até que ponto sentem que estão a ser incluídos nas atividades do programa. Se utilizada ao longo do tempo, pode ajudar a demonstrar de que forma a participação muda através da atividade e se os seus esforços para aumentar o envolvimento de mais pessoas marginalizadas estão ou não a exercer impacto.

O objetivo desta ferramenta consiste em monitorizar a eficácia com que diferentes pessoas sentem que estão a participar e a ser envolvidas na tomada de decisões. O diagrama da escada da participação fornecido contribui para ilustrar os diferentes níveis de participação e pode ser utilizado durante a entrevista.

Informações-chave

- Concebido para ser utilizado por funcionários do programa ou do projeto com famílias ou membros de grupos/comités enquanto parte da monitorização regular.
- Os resultados podem ser utilizados no momento, para ajudar a adaptar as intervenções a fim de assegurar que toda a gente está a sentir-se satisfeita com os seus níveis de participação, ou podem ser utilizados para demonstrar as mudanças ao longo da vida de uma intervenção, se os resultados forem comparados com uma base de referência ou grupo de controlo.
- Certifique-se de que tem o consentimento informado de uma pessoa antes de conduzir esta entrevista (ou que tem o consentimento informado de um pai/tutor ou advogado/cuidador). Tal significa que terá de explicar o objetivo da entrevista e a forma como a informação será utilizada.
- Se registar nomes para fins de acompanhamento do progresso individual durante uma intervenção, certifique-se de que os nomes e os números do documento de identificação são conservados de uma forma segura para que os dados individuais não sejam reconhecíveis durante a análise dos dados.

Necessitará de

- Um moderador por entrevista
- Um questionário de entrevista por pessoa
- Cópia do diagrama da escada de participação (o tamanho maior funciona bem)
- Capa com mola
- Canetas
- Porta-documentos à prova de água (para manter os questionários em segurança)

Sugestão: Antes de começar, certifique-se de que está familiarizado com as definições utilizadas para descrever a marginalização e que está apto a lidar de forma sensível com este tipo de investigação. Em especial, certifique-se de que está familiarizado com a abordagem ao desenvolvimento baseada em direitos humanos.

Variação

Utilizar os marcadores universais de marginalização constitui o requisito mínimo para este questionário. No caso de querer monitorizar fatores baseados no contexto adicionais, pode adicionar esses marcadores à Secção P, mas não remova nenhuma pergunta. Todas as outras perguntas devem manter-se as mesmas.

Questionário da entrevista

<p>A1 Data:</p>	<p>Marcadores universais de marginalização (assinale todos os que se aplicam):</p>
<p>A2 Número do documento de identificação:</p> <p>Nota: caso queira regressar para entrevistar as mesmas pessoas, é importante manter um registo dos nomes e dos números do documento de identificação.</p>	<p>P2 <input type="checkbox"/> Deficiência (a pessoa tem muita dificuldade em andar, ver, ouvir, comunicar ou cuidar de si própria ou é-lhe impossível executar estas tarefas?)</p> <p>P3 <input type="checkbox"/> Pessoa idosa (a pessoa tem 60 anos ou mais?)</p> <p>P4 <input type="checkbox"/> Criança (a pessoa tem 18 anos ou menos?)</p> <p>P5 <input type="checkbox"/> Doença crónica (a pessoa tem uma doença que exerce impacto na sua vida quotidiana que dura há mais de três meses?)</p> <p>P6 <input type="checkbox"/> Nenhum marcador de marginalização</p>
<p>P1 Género:</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Feminino</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Masculino</p> <p>c) <input type="checkbox"/> Outro</p>	<p>L1 Distrito:</p> <p>L2 Subcondado ou bairro:</p> <p>L3 Aldeia</p> <p><i>Preencha todos os níveis</i></p>
<p>Q1 É sempre convidado para participar em reuniões de nível comunitário?</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>b) <input type="checkbox"/> Não</p>	
<p>Q2 O que sente em relação à qualidade geral da sua participação durante as reuniões comunitárias? Indique se sente ou não que a sua participação faz alguma diferença.</p>	

Q3 Durante as reuniões, tem a oportunidade de se expressar plenamente?

- a) Sim
b) Não

Q4 Durante as reuniões, sente que as suas ideias e opiniões são tomadas em consideração ou valorizadas?

- a) Sim
b) Não

Q5 Se possível, dê-nos exemplos de um resultado ou ação que possa ser atribuído a um contributo ou sugestão dado por si durante uma reunião comunitária.

PL1 Utilizando a escada da participação, descreva que nível de participação corresponde às suas experiências de **participação em atividades comunitárias**.

- a) 0 – nenhuma participação
b) 1 – participação simbólica
c) 2 – participação ativa
d) 3 – participação na tomada de decisões
e) 4 – apropriação e controlo

PL2 Enumere as **atividades comunitárias** em que participou durante os últimos três meses.

Recolher dados

Um dos aspetos mais estimulantes da monitorização da inclusão consiste em assegurar que toda a gente com a tarefa de recolher dados o faz de uma forma simultaneamente consistente e sensível. As definições de género, deficiência, idade e doenças crónicas podem levar à incerteza (ver Secção 2). É importante que as pessoas que projetam, implementam e monitorizam programas compreendam e utilizem a mesma linguagem para definir as pessoas pertencentes a estes grupos. Caso contrário, as pessoas farão os seus próprios julgamentos sobre quem deve ser incluído, conduzindo a uma inconsistência na implementação e monitorização das atividades.

Caso queira assegurar que a inclusão é medida de forma apropriada durante as avaliações externas, seja o mais específico possível nos termos de referência que criar. Certifique-se de que define todos os fatores de marginalização que pretende que sejam avaliados e garanta que os avaliadores possuem experiência demonstrável no que respeita a trabalhar com estes fatores. Por exemplo, não assuma que, devido ao facto de um avaliador ter experiência de trabalho com mulheres, estará também apto a avaliar questões relacionadas com a deficiência ou a idade avançada. Esforce-se por garantir que a equipa de avaliação utiliza métodos sensíveis e apropriados para a recolha de dados e esteja preparado para ajudá-la na garantia da acessibilidade.

Dados desagregados sobre a deficiência

Um grupo-chave em que é muito importante ser consistente é o das pessoas com deficiência. A deficiência não é algo que possa ser facilmente identificado. Perguntar simplesmente se alguém tem uma deficiência não proporciona necessariamente um reflexo verdadeiro das limitações de atividade das pessoas (ver texto sobre a Deficiência na Secção 2).

Maria no compartimento da casa de banho para pessoas com deficiência na sua escola em Kampala, Uganda.



Ferramenta principal

Recolher dados desagregados sobre a deficiência – “as perguntas do Grupo de Washington”

Duração: 2 minutos por pessoa

Grupo de Washington sobre Estatísticas de Deficiência (2018). Conjunto curto de perguntas sobre deficiência.³⁶



Secção 3

Mais informações e orientações disponíveis em: www.washingtongroup-disability.com/washington-groupquestion-sets/short-set-of-disability-questions

Esta é a melhor ferramenta a utilizar para recolher dados sobre deficiência durante qualquer exercício de monitorização. Foi amplamente testada e validada e está disponível um conjunto de dados internacionalmente comparáveis face aos quais poderá comparar os seus resultados. É também possível que o país em que trabalha utilize uma versão desta ferramenta enquanto parte de exercícios nacionais de recolha de dados, como recenseamentos nacionais ou inquéritos sobre as condições de vida.

O objetivo desta ferramenta consiste em permitir a recolha sensível de dados sobre a prevalência da deficiência, oferecendo aos programas uma melhor compreensão dos números e tipos de deficiência que estão presentes nas populações-alvo.

O que é importante é que este conjunto de perguntas (e outros desenvolvidos pelo Grupo de Washington) foi criado para medir a deficiência do ponto de vista dos direitos humanos, pelo que, em lugar de se centrar em dados médicos individuais, concentra-se no impacto da interação entre a condição física de uma pessoa e o ambiente em que vive (agrupado em “domínios”). Esta abordagem às barreiras possibilita a recolha de dados sobre a prevalência da deficiência sem necessidade de utilizar o termo “deficiência”, fator que melhorou significativamente a precisão deste tipo de dados.

O conjunto curto de perguntas do Grupo de Washington (frequentemente designado apenas por “Conjunto curto”) concentra-se em seis domínios fundamentais e foi concebido para captar a maioria das deficiências.

Informações-chave

- Concebido para ser utilizado pelos funcionários do programa ou projeto como questionário curto.
- Pode ser utilizado como um conjunto de perguntas integrado em inquéritos de maior escala, como um inquérito à família ou um exercício de levantamento da comunidade. Pode também ser adicionado a qualquer questionário em que registe informações demográficas.
- Deve ser utilizado apenas por pessoas que contaram com formação sobre deficiência e que leram as notas de acompanhamento pormenorizadas e os conselhos fornecidos abaixo.
- Certifique-se de que tem o consentimento informado da pessoa antes de conduzir esta entrevista (ou que tem o consentimento informado de um pai/tutor ou advogado/cuidador). Tal significa que terá de explicar o objetivo da entrevista e a forma como a informação será utilizada.
- Se registar nomes para fins de acompanhamento do progresso individual durante uma intervenção, certifique-se de que os nomes e os números do documento de identificação são conservados de uma forma segura para que os dados individuais não sejam reconhecíveis durante a análise das informações.

Necessitará de

- Um moderador por entrevista (mais capacidade de introdução de dados)
- Um questionário de entrevista por pessoa
- Capa com mola
- Canetas
- Porta-documentos à prova de água (para manter os questionários em segurança)

Sugestão: Antes de começar, certifique-se de que está familiarizado com as definições utilizadas para descrever a marginalização e que está apto a lidar de forma sensível com este tipo de investigação. Em especial, certifique-se de que está familiarizado com a abordagem ao desenvolvimento baseada em direitos humanos.

Metodologia

O conjunto curto de perguntas do Grupo de Washington é bastante básico e pergunta apenas se uma pessoa experimenta alguma dificuldade em seis domínios, que estão classificados numa escala que vai de “nenhuma dificuldade” a “não consigo fazer de forma alguma”. Realizar o conjunto curto de perguntas leva aproximadamente dois minutos e a melhor forma de o fazer é perguntar diretamente ao inquirido. No entanto, as perguntas podem ser feitas a alguém próximo (por exemplo, um pai, um cuidador ou um professor) ajustando o texto das perguntas.

Os resultados produzem um espectro ao longo do qual todas as pessoas podem ser colocadas. Por conseguinte, é possível registar informações sobre quantas pessoas respondem “nenhuma dificuldade”, “alguma dificuldade”, “muita dificuldade” ou “não consigo fazer de forma nenhuma”, o que pode ser útil para refletir sobre que tipos de ajustamentos à equidade serão necessários.

Definir a prevalência

A fim de definir e registar a prevalência da deficiência na população utilizando seja que ferramenta for, é necessário estabelecer um limite. A população identificada como tendo uma deficiência deve incluir todos aqueles que sentem dificuldade em **pelo menos um** domínio registado como “muita dificuldade” ou “não consigo fazer de forma nenhuma”. Este limite irá fornecer a representação mais precisa da população com uma incapacidade suficientemente significativa para causar algum nível de limitação da atividade (por outras palavras, uma deficiência).

Tradução

Antes de utilizar esta ferramenta, é importante salientar que a forma pela qual as perguntas foram escritas é muito específica – **para fornecerem dados válidos e comparáveis sobre deficiência, as perguntas não devem ser alteradas em nenhuma forma substancial, incluindo a frase introdutória** (nota: alterar o texto para adaptá-lo à utilização/não utilização de uma pessoa próxima é aceitável). Isto é especialmente relevante se necessitar de tradução. Existe já um conjunto de traduções certificadas disponíveis no site do Grupo de Washington www.washingtongroup-disability.com, mas, se precisar de realizar as suas, utilize o protocolo de tradução fornecido pelo Grupo de Washington (que estará apto a ajudá-lo).

Formação

Outra consideração importante é que qualquer pessoa encarregada de fazer e interpretar estas perguntas deve primeiro participar numa sessão informativa para compreender a fundo por que motivo estas perguntas estão a ser feitas desta forma (deve estar familiarizada com a abordagem à deficiência baseada nos direitos humanos) e por que motivo não deve referir o termo “deficiência” em momento algum da entrevista. Há módulos de e-Learning disponíveis no site do Grupo de Washington www.washingtongroup-disability.com que podem fornecer orientações pormenorizadas a quem está a planear conduzir um inquérito.

Limitações

É importante ter consciência que as perguntas do Grupo de Washington foram concebidas simplesmente para identificar a prevalência da deficiência nas populações e não para diagnosticar e avaliar a deficiência em indivíduos. Estas perguntas não fornecem qualquer informação relacionada com causas de incapacidade ou idade de aparecimento. Além disso, não proporcionam pormenores sobre o impacto ou a utilização de tecnologias de apoio ao funcionamento individual. Por conseguinte, não se pode utilizar as perguntas em isolado como base para o desenvolvimento de intervenções do programa direcionadas para a inclusão de pessoas com deficiência.

No entanto, estas perguntas fornecerão informações sobre até que ponto a deficiência (incapacidades e gravidade) tem probabilidades de ser um fator na marginalização e permitir-lhe-ão concentrar-se mais em identificar e mitigar as barreiras que poderão impedir algumas pessoas de aceder aos serviços. Uma importante atividade de acompanhamento consiste em utilizar uma **ferramenta de análise de barreiras** (ver página 59).

Se pretende que o seu programa seja mais aprofundado, avaliando incapacidades individuais e o impacto que exercem na capacidade funcional, terá de utilizar uma ferramenta de avaliação da deficiência. Recomendamos o **Disability Assessment Schedule** (WHODAS 2.0) da Organização Mundial de Saúde (Instrumento de Avaliação da Deficiência), que foi especificamente criado para levar a cabo avaliações da deficiência num contexto de direitos humanos. Está disponível para transferência uma cópia da ferramenta de avaliação no site da OMS www.who.int/classifications/icf/en

Conjunto curto de perguntas do Grupo de Washington

A1 Data:	A2 Nome do entrevistador
A3 Número do documento de identificação: Nota: caso queira regressar para entrevistar as mesmas pessoas, é importante manter um registo dos nomes e dos números do documento de identificação.	L1 Distrito: L2 Subcondado ou bairro: L3 Aldeia (preencher todos):
P1 Género: a) <input type="checkbox"/> Feminino b) <input type="checkbox"/> Masculino c) <input type="checkbox"/> Outro	Consentimento informado: Olá, estou a fazer esta entrevista em nome da XX. Gostaria de falar hoje consigo e pedir a sua permissão para lhe fazer uma entrevista. Esteja à vontade para consultar outras pessoas, se necessário, antes de responder. Vou gravar as suas respostas para utilizá-las no nosso estudo, mas não irei mencionar o seu nome nem os seus dados pessoais a ninguém de fora da nossa equipa. Quando redigirmos os dados e os resultados deste inquérito, iremos garantir que não será possível identificá-lo como a pessoa que deu estas respostas. Parece-lhe aceitável?
P1 Idade:	

Pergunta de introdução: Tem dificuldades em realizar determinadas tarefas?

	a)	b)	c)	d)
SS1 Tem dificuldade em ver, mesmo usando óculos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
SS2 Tem dificuldade em ouvir, mesmo usando um aparelho auditivo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
SS3 Tem dificuldade em andar ou subir escadas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
SS4 Tem dificuldade em recordar-se ou concentrar-se?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
SS5 Tem dificuldade (em tarefas de autocuidado como) tomar um banho completo ou vestir-se?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
SS6 Quando usa a sua língua habitual (usual), tem dificuldade em comunicar, por exemplo, em compreender ou ser compreendido?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- a) Nenhuma dificuldade b) Alguma dificuldade c) Muita dificuldade
d) Não consigo fazer de forma nenhuma

Fim do questionário

Variações

Existem outras ferramentas do Grupo de Washington que são úteis em diferentes circunstâncias. Existe um conjunto alargado de perguntas para utilizar em adultos (18 anos ou mais) que capta uma gama mais ampla de limitações do domínio e que pode ser útil para planejar estruturas e serviços acessíveis (e complementar as ferramentas de acesso e de auditoria da segurança).

Caso pretenda informações mais pormenorizadas relacionadas com a prevalência da deficiência em crianças, existem duas ferramentas especialmente concebidas: a ferramenta Funcionamento das Crianças para a faixa dos 5-17 anos e a ferramenta Funcionamento das Crianças para a faixa dos 2-4 anos. É mais difícil identificar a deficiência nas crianças, especialmente nas crianças mais pequenas, pelo que o conjunto curto de perguntas padrão é menos fiável para qualquer pessoa com menos de 18 anos (terá tendência para subestimar os números). Se o seu programa for especificamente direcionado para crianças e jovens, deve utilizar as perguntas de Funcionamento das Crianças (CF 5-17 anos) em lugar do conjunto curto. Demora mais tempo a realizar (cerca de 10 minutos) e, mais uma vez, será necessário ministrar formação a qualquer pessoa encarregada de administrar ou interpretar a ferramenta.

Novas ferramentas estão constantemente a ser desenvolvidas, pelo que vale a pena consultar o site do Grupo de Washington para ver o que está atualmente em fase de desenvolvimento.

Para instruções mais pormenorizadas, informações e apoio e outras ferramentas de recolha de dados, visite www.washingtongroup-disability.com

Indicadores de monitorização

De uma maneira geral, os indicadores de monitorização têm de refletir alguns princípios importantes, como, por exemplo:

- **Participação** de pessoas marginalizadas de formas apropriadas, como o seu envolvimento ativo em programas de WASH com responsabilidades. Tal pode incluir o envolvimento em comités, mas também o grau pelo qual assumem funções de liderança e exercem influência no processo de tomada de decisões.
- **Tecnologia inclusiva** para assegurar que os serviços WASH são acessíveis, utilizados por toda a gente e continuam a ser prestados com uma elevada qualidade.
- **Levantamento** para monitorizar a distribuição equitativa de serviços e expor os pontos fracos mediante os quais determinadas comunidades ou membros de comunidades podem ter ficado de fora.
- **Números das pessoas mais marginalizadas** sem acesso às

instalações e sua utilização.

- **Barreiras (de atitude, institucionais e ambientais)** para identificar as causas da exclusão e para assegurar que os direitos de WASH de toda a gente são exercidos.

Os indicadores de monitorização devem ser cuidadosamente selecionados e amplamente supervisionados para garantir que os programas permanecem inclusivos ao longo do tempo; por vezes, as barreiras podem reaparecer ou podem ser criadas novas. Além dos exemplos atrás referidos, outros podem revelar-se necessários, dependendo das conclusões das análises de situação, de barreiras e de poder e subseqüentes objetivos e metas do programa.

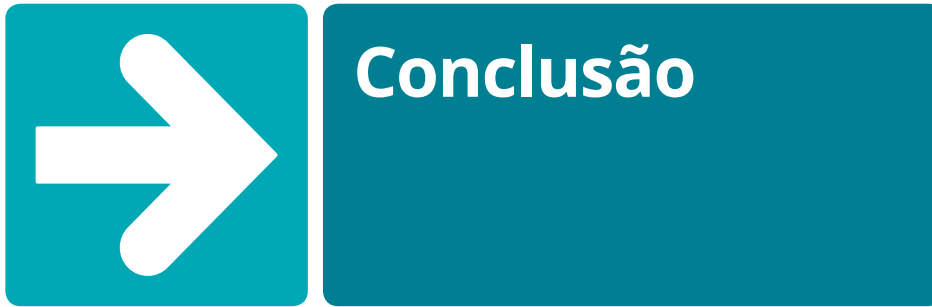
A monitorização participativa contribui para assegurar que o programa é inclusivo ao envolver as pessoas que inicialmente possam ter enfrentado barreiras e que podem depois verificar se estas barreiras estão a ser combatidas.

As avaliações no final (e a meio) do processo podem constituir uma excelente oportunidade para averiguar até que ponto o seu programa conseguiu combater as barreiras e questões de poder associadas à marginalização. Certifique-se de que qualquer pessoa encarregada de levar a cabo estas avaliações (especialmente se for contratada externamente) está familiarizada com uma abordagem baseada em direitos e compreende as suas definições de marginalização, barreiras e inclusão.

Keo Vannary serve papas de aveia no seu café à beira da estrada em Pursat, Camboja.



WaterAid/Laura Summerton



Este kit de ferramentas foi concebido para o ajudar a abordar e combater, de forma prática e progressiva, as desigualdades na WASH ao:

- a) atualizar a sua compreensão do que são a marginalização e a exclusão e de que forma se relacionam com a WASH
- b) recordar-lhe a abordagem e as prioridades da WaterAid
- c) reformular num kit de ferramentas fácil de utilizar algumas das ferramentas e técnicas que podem ajudá-lo a compreender e depois abordar as questões da exclusão, discriminação e desigualdade no seu trabalho de WASH.

Não existe uma solução fácil ou mágica para alcançar a inclusão e a desigualdade. Trata-se de um processo contínuo que exige o empenho de tempo, recursos e vontade. A inclusão não pode limitar-se a apenas uma parte do seu programa ou ser alcançada através de uma atividade única. Exige uma combinação de atividades e processos e uma disposição para aprender com a experiência das pessoas marginalizadas.

Tal exige, entre outros aspetos:

- revelar e combater quaisquer atitudes negativas e discriminatórias entre os funcionários, os parceiros, as comunidades e as instituições de governação
- trabalhar com mais parceiros baseados em direitos e colaborar com grupos como organizações de pessoas com deficiência e grupos de mulheres a fim de garantir que o nosso trabalho está realmente a ajudar a transformar positivamente as suas experiências de WASH
- tirar proveito do alcance da nossa carteira do programa – trabalho que se centra na água, saneamento e higiene; o nosso trabalho em zonas urbanas, rurais ou propensas a catástrofes; o trabalho que integra a WASH na saúde, na educação e noutras áreas do desenvolvimento – a fim de determinar o que podemos fazer de forma diferente ou melhor para ultrapassar as barreiras à WASH para quem está mais afastado do poder e da influência.

Boa sorte para o seu trabalho. Lembre-se de continuar a partilhar e a aprender com os seus colegas da WaterAid e do setor. A nossa abordagem nunca deve ser estática, mas antes orientar-se para o alargamento e aprofundamento em função das necessidades das pessoas para quem trabalhamos, ou seja, os que estão mais excluídos dos seus direitos à água, saneamento e higiene.

Este diagrama demonstra como este kit de ferramentas se adequa às estratégias, políticas, estruturas e diretrizes da WaterAid.



Estratégia global da WaterAid



Abordagem programática (A nossa abordagem/Como trabalhamos)



Estrutura de responsabilização (Os nossos compromissos)



Normas de qualidade e políticas do programa



Estruturas do programa e modelos/abordagens de implementação



Diretrizes/kits de ferramentas/recursos



Referências

1. WaterAid (2015). *Everyone, Everywhere 2030: WaterAid's Global Strategy 2015-2020*. Disponível em washmatters.wateraid.org/.../everyone-everywhere-2030-wateraids-global-strategy-2015-2020 (acedido em 25 de junho de 2018).
2. Assembleia-Geral das Nações Unidas (2010). Resolução A/RES/64/292 e Conselho dos Direitos Humanos (2012) Resolução 16/2. Disponível em un.org/waterforlifedecade/human_right_to_water.shtml (acedido em 2 julho de 2018).
3. Coe S e Wapling L (2010). *Travelling Together: How to include disabled people on the main road of development*. Disponível em wvi.org/disability-inclusion/publication/travelling-together (acedido em 25 junho de 2018).
4. ONU (1986). *Artigo 1, Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento*, 4 de dezembro de 1986, A/RES/41/128. Disponível em un.org/documents/ga/res/41/a41r128.htm (acedido em 2 julho de 2018).
5. ONU (2006). *Artigo 1, Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*, 13 de dezembro de 2006, A/RES/61/106. Disponível em un.org/en/development/desa/population/migration/generalassembly/docs/globalcompact/A_RES_61_106.pdf (acedido em 2 julho de 2018).
6. OMS (2011). *Relatório Mundial sobre a Deficiência*. Genebra: Organização Mundial de Saúde. Disponível em who.int/disabilities/world_report/2011/report.pdf (acedido em 25 de junho de 2018).
7. OMS (2013). *Estatísticas Mundiais de Saúde*. Genebra: Organização Mundial de Saúde. Disponível em who.int/gho/publications/world_health_statistics/2013/en (acedido em 2 de julho de 2018).
8. Kidd S, Gelders B, Bailey-Athias D (2017). *Exclusion by design: An assessment of the effectiveness of the proxy means test poverty targeting mechanism*. Genebra: Organização Internacional do Trabalho e Development Pathways. Disponível em www.social-protection.org/gimi/gess/RessourcePDF.action?ressource.ressourceId=54248 (acedido em 2 de julho de 2018).
9. Cavill S, Roose S, Stephen C, Wilbur J. "Putting the hardest to reach at the heart of the Sustainable Development Goals" em Bongartz, P, Vernon, N e Fox, J (2016) *Sustainable Sanitation for All, Experiences, Challenges and innovations*. Reino Unido: Practical Action Publishing Ltd, pp 245-267. Disponível em developmentbookshelf.com/doi/abs/10.3362/9781780449272.015 (acedido em 2 de julho de 2018).
10. Sweetman C e Cooke L (eds) (2017). *Gender and Development: Water, Sanitation and Hygiene*. Oxford, Reino Unido: Oxfam Publishing. Vol. 25:2.
11. Gender and Development Network (GADN) (2016). *Achieving gender equality through WASH*. Sessões de informação, Londres: GADN. Disponível em gadnetwork.org/s/Achieving-gender-equality-through-WASH-April-2016-jvbd.pdf (acedido em 25 de junho de 2018).
12. House S, Ferron S, Sommer M, Cavill S (2014). *Violence, Gender & WASH: A Practitioner's Toolkit. Making Water, sanitation and hygiene safer through improved programming and services*. Londres, Reino Unido: WaterAid/SHARE Consortium. Disponível em washmatters.wateraid.org/violence-gender-WASH-toolkit (acedido em 25 de junho de 2018).

13. House S, Mahon T, Cavill S (2012). *Menstrual hygiene matters: A resource for improving menstrual hygiene around the world*. Londres, Reino Unido: WaterAid/SHARE Consortium. Disponível em washmatters.wateraid.org/publications/menstrual-hygiene-matters (acedido em 25 de junho de 2018).
14. Esteves Mills J e Cummings O (2016). *The Impact of Water, Sanitation and Hygiene on Key Health and Social Outcomes: Review of Evidence*. Reino Unido e SHARE Consortium. Disponível em unicef.org/wash/files/The_Impact_of_WASH_on_Key_Social_and_Health_Outcomes_Review_of_Evidence.pdf (acedido em 25 de junho de 2018).
15. UNICEF/OMS (2009). *Diarrhoea: Why children are still dying and what can be done*. Nova Iorque, EUA: UNICEF. Disponível em who.int/maternal_child_adolescent/documents/9789241598415/en/ (acedido em 25 de junho de 2018).
16. WaterAid (2016). *WASH and nutrition: why and how to integrate*. Londres: WaterAid. Disponível em washmatters.wateraid.org/publications/wash-and-nutrition-why-and-how-to-integrate (acedido em 26 de junho de 2018).
17. Departamento de Assuntos Económicos e Sociais da ONU, Divisão da População (2017). *World Population Prospects: The 2017 Revision, Key Findings and Advance Tables*. ESA/P/WP/248. Disponível em compassion.com/multimedia/world-population-prospects.pdf (acedido em 2 de julho de 2018).
18. WaterAid e Neglected Tropical Diseases Non-Governmental Organization Network (NNN). *WASH: The silent weapon against NTDs Working together to achieve prevention, control and elimination*. Disponível em washmatters.wateraid.org/publications/wash-the-silent-weapon-against-ntds (acedido em 25 de junho de 2018).
19. ONUSIDA, Programa Conjunto das Nações Unidas para o VIH/SIDA (2017). *Global Aids Update*. Genebra: ONUSIDA. Disponível em unaids.org/en/resources/documents/2017/2017_data_book (acedido em 26 de junho de 2018).
20. Sightsavers et al (2013). *WASH and the Neglected Tropical Diseases: A Global Manual for WASH Implementers*. Disponível em ntd-ngonetw.org/resources/wash-and-neglected-tropical-diseases-global-manual-wash-implementers (acedido em 25 de junho de 2018).
21. WaterAid e End Water Poverty. *Play your part: equity and inclusion awareness-raising guide*. Disponível em washmatters.wateraid.org/publications/equity-and-inclusion-play-your-part-awareness-raising-training-guide (acedido em 2 de julho de 2018).
22. WaterAid/WEDC. *Inclusive WASH: What does it look like?* Disponível em wedc.lboro.ac.uk/resources/learning/EI_Inclusive_WASH_what_it_looks_like_v2.pdf (acedido em 2 de julho de 2018).
23. van Ek V e Schot S (2017). *Towards Inclusion*. Publicado por Light for the World, Mission East e ICCO Cooperation. Países Baixos/ Nepal. Disponível em light-for-the-world.org/towards-inclusion (acedido em 2 de julho de 2018).
24. White S, Kuper H, Itimu-Phiri A, Holm R, Biran A (2016). *A Qualitative Study of Barriers to Accessing Water, Sanitation and Hygiene for Disabled People in Malawi*. PloS one, 11 (5). e0155043. Disponível em researchonline.lshtm.ac.uk/2549183/ (acedido em 2 de julho de 2018).
25. March C, Smyth I, Mukhopadhyay M (1999). *A Guide to Gender-Analysis Frameworks*. Oxfam GB, Practical Action publishing. Disponível em policy-practice.oxfam.org.uk/publications/a-guide-to-gender-analysis-frameworks-115397 (acedido em 26 de junho de 2018).
26. WaterAid (2017). *A manual for facilitating dialogue between women and men in communities: exploring the gender aspects of community water, sanitation and hygiene*. Disponível em washmatters.wateraid.org/publications/exploring-gender-aspects-of-community-water-sanitation-and-hygiene-in-timor-leste (acedido em 2 de julho de 2018).

27. Governo do Uganda, Ministério do Género, do Trabalho e do Desenvolvimento Social (1999). *Balancing the Scales - Participants' manual*. Disponível em nzdil.org/gsdilmod?e=d-00000-00---off-0cdl--00-0---0-10-0---0---0direct-10---4-----0-1l--11-en-50---20-about---00-0-1-00-0--4---0-0-11-10-OutfZz-8-00&a=d&c=cdl&cl=CL1.249&d=HASHda3e08f40d68a6dc623585.9.2 (acedido em 2 de julho de 2018).
28. WaterAid. *Political Economy Analysis Toolkit*. Disponível em washmatters.wateraid.org/publications/political-economy-analysis-toolkit (acedido em 2 de julho de 2018).
29. Gender and Development Network, grupo de trabalho Participação e Liderança das Mulheres (2018). *Putting gender in International UK political economy analysis: Why it matters and how to do it*. Nota de orientação dos Profissionais. Disponível em gadnetwork.org/gadn-news/2018/5/9/putting-gender-in-political-economy-analysis-why-it-matters-and-how-to-do-it (acedido em 2 de julho de 2018).
30. Adaptado de trabalho produzido por Coe S (2014).
31. WaterAid e WEDC (2013). *Accessibility and safety audit of water and sanitation facilities*. Disponível em washmatters.wateraid.org/accessibility-safety-audits (acedido em 23 julho 2018).
32. Jones H (2012). *Accessibility audit: school latrine*. WaterAid/WEDC, Universidade de Loughborough: Reino Unido. Disponível em wedc.knowledge.lboro.ac.uk/collections/equity-inclusion (acedido em 2 de julho de 2018).
33. WaterAid e WEDC (2013). *Equity and inclusion in water, sanitation and hygiene - resource collections*. Disponível em wedc.knowledge.lboro.ac.uk/collections/equity-inclusion/general.html (acedido em 2 de julho de 2018).
34. Adaptado de trabalho produzido por Silje Vold, Plan International Noruega, abril de 2012.
35. Halcrow G, Rowland C, Willetts J, Crawford J e Carrard N (2010). *Resource Guide: Working effectively with women and men in water, sanitation and hygiene programs, IWDA and UTS, Australia*. Disponível em uts.edu.au/sites/default/files/article/downloads/Case%2520study%2520Fiji-final4web.pdf (acedido em 2 de julho de 2018).
36. Washington Group sobre estatísticas de deficiência (2018). washingtongroup-disability.com/washington-groupquestion-sets/short-set-of-disability-questions (acedido em 2 de julho de 2018).



Agradecimentos

Este kit de ferramentas é o resultado do trabalho dedicado e da colaboração entre muitas pessoas ao longo de vários anos. Os principais autores são Lorraine Wapling, Shamila Jansz, Jane Wilbur, Louisa Gosling, Priya Nath e Chelsea Huggett. Os editores são Richard Steele e Rebecca Heald.

As ferramentas, inicialmente desenvolvidas e testadas por Hazel Jones, do Water Engineering and Development Centre (WEDC) da Universidade de Loughborough, e por Sue Coe e Lorraine Wapling, da World Vision, foram utilizadas, adaptadas e aprofundadas por muitas pessoas da WaterAid e de outras organizações, incluindo, entre outras, as seguintes: Spera Atuhairwe, Apolonia Asteria Barreto, Asha Bumatze, Reshma Dixit, Nora Groce, Nausheen Hasan, Andrés Hueso, Getrudis Noviana Mau, Shahrukh Mirza, Sweta Patnaik, Pharozin Pheng, Mahfuj-ur Rahman, Rindra Rakotojoelimaria, Christiane Randrianisoa, Virginia Roaf, Shikha Shrestha, Mahider Tesfu, Moussa Traore, Edith Veromaimia, Rosie When, James Wicken e Lydia Zigomo.

Muitas outras pessoas contribuíram com as suas ideias e experiência. Esperamos que o kit de ferramentas ajude a inspirar outras pessoas a continuarem a luta a fim de garantir que todas as pessoas tenham água e saneamento como direitos humanos até 2030.

Sugerir citação: WaterAid (2018). *Compreender e abordar a igualdade, a não discriminação e a inclusão no trabalho da água, saneamento e higiene (WASH)*. WaterAid: Londres, Reino Unido. washmatters.wateraid.org/equity-non-discrimination-inclusion-toolkit

Julianne e a filha Zara, de 4 anos, em sua casa na aldeia de Ambatoantrano, Madagascar.



WaterAid/Ernest Randriamalala

Trabalhamos com partes interessadas nacionais e as comunidades para melhorar o acesso a serviços sustentáveis de abastecimento de água e saneamento como direitos humanos e para promover um bom comportamento de higiene.

Fazemos campanha em prol de um mundo em que estes bens essenciais sejam normais para qualquer pessoa, em qualquer lugar, até 2030.

Capa: Rhoda Chikanda fala em nome da sua comunidade na reunião do Comité Parlamentar Conjunto com a população de Kapyanga, Malawi. WaterAid/Dennis Lupenga

A WaterAid é uma organização de beneficência registada: Austrália: ABN 99 700 687 141. Canadá: 119288934 RR0001. Índia: U85100DL2010NPL200169. Suécia: Org. n.º: 802426-1268, PG: 90 01 62-9, BG: 900-1629. Reino Unido: 288701 (Inglaterra e País de Gales) e SC039479 (Escócia). EUA: A WaterAid America é uma organização sem fins lucrativos constituída ao abrigo da secção 501(c) (3).

Este kit de ferramentas oferece orientações práticas e apoio à redução das desigualdades no seu programa e trabalho de sensibilização.

Apresenta os princípios mais importantes da igualdade, da não discriminação e da inclusão e inclui atividades práticas, ferramentas e listas de verificação para aplicar no seu trabalho com os parceiros e as comunidades.

WaterAid, 2018

Transfira o guia em washmatters.wateraid.org/equity-non-discrimination-inclusion-toolkit

 **WaterAi**